



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**O ÚTIL E O FÚTIL: O JORNAL E A CRÔNICA NA VISÃO DO JOVEM MACHADO
DE ASSIS**

JULIA WILTGEN CASTELLO DA COSTA

Rio de Janeiro/ RJ
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**O ÚTIL E O FÚTIL: O JORNAL E A CRÔNICA NA VISÃO DO JOVEM MACHADO
DE ASSIS**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

JULIA WILTGEN CASTELLO DA COSTA

Orientador: Prof. Ms. Paulo Roberto Pires de Oliveira Jr.

Rio de Janeiro/ RJ
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

COSTA, Julia Wiltgen Castello da.

O útil e o fútil: o jornal e a crônica na visão do jovem Machado de Assis. Rio de Janeiro, 2009.

Monografia (graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Paulo Roberto Pires de Oliveira Jr.

1. Crônica. 2. Escritores-jornalistas. 3. Metalinguagem. I. OLIVEIRA JÚNIOR, Paulo Roberto Pires de (orientador) II. ECO/UFRJ III. Jornalismo IV. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O útil e o fútil: o jornal e a crônica na visão do jovem Machado de Assis**, elaborada por Julia Wiltgen Castello da Costa.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Paulo Roberto Pires de Oliveira Jr.

Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Ms. Augusto Henrique Gazir Martins Soares

Mestre em Latin American Politics pela Universidade de Londres, com reconhecimento pelo

Programa de Sociologia e Antropologia da UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro/ RJ
2009

COSTA, Julia Wiltgen Castello da. **O útil e o fútil: o jornal e a crônica na visão do jovem Machado de Assis**. Orientador: Paulo Roberto Pires de Oliveira Jr. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho se propõe a traçar a visão que o jovem literato Machado de Assis tinha sobre a crônica e o jornal, a partir de uma análise das crônicas que o autor publicou em seus primeiros vinte anos de produção na imprensa periódica. A ideia é compor o olhar de um jovem entusiasmado frente às novidades da época: o jornalismo, a possibilidade de viver de sua pena e a própria crônica, essa tribuna que lhe permitiu a exposição de opiniões por vezes controversas. Para isso, foi necessária uma ampla contextualização. Primeiramente, conceituar a crônica, esse gênero híbrido entre jornalismo e literatura, mostrando que não só Machado como muitos outros cronistas se empenharam em defini-lo em seus escritos; em segundo lugar, delinear as origens e a constituição da crônica moderna brasileira, da qual Machado foi um dos precursores; em seguida, apresentar as condições históricas da época, que influenciaram diretamente o conteúdo e a forma da crônica machadiana, além de discutir a presença dos escritores nas redações na segunda metade do século XIX. A partir da leitura e da análise da metalinguagem nos textos que Machado publicou na imprensa foi possível, enfim, compor um quebra-cabeça com as suas definições de crônica. Uma reflexão que contribui para entendermos melhor a relação entre literatura e jornalismo e desvendarmos um pouco os mistérios desse gênero tão amado no Brasil.

DEDICATÓRIA

A todos os jornalistas que eu conheci este ano: aos apaixonados e aos desencantados; aos divertidos e aos mal-humorados; aos parceiros de pautas, almoços e plantões; aos que dividiram comigo as angústias e frustrações da profissão; aos que me impuseram verdadeiros obstáculos e atrapalharam o andamento desta monografia; aos que me fizeram companhia até tarde nos dias de “pescoção”; aos que quase me fizeram desistir de tudo; aos que me deram ânimo nas horas mais difíceis; aos amantes da literatura, com quem troquei ideias – blogueiros, poetas, editores; enfim, a todos os “coleguinhas” que me obrigaram – por bem ou por mal – a criar forças para vencer todos os desafios. Até mesmo o de encarar a face jornalística de nosso maior escritor.

AGRADECIMENTO

A Deus, por iluminar meus passos, meus olhos e meu coração; me abençoar a cada dia e me ensinar algo novo a cada momento;

A meus pais, por sempre estarem lá para mim, até quando não concordam com minhas escolhas;

A meus irmãos, que são verdadeiros amigos, nunca permitindo que eu desista;

Aos amigos dos Ecos da Eco, que engoliram comigo todos os sapos da UFRJ e que, como eu, amam essa universidade apesar de tudo;

Aos meninos, por suas opiniões masculinas e práticas;

Às minhas amigas-irmãs, que, perto ou longe, se fizeram presentes em abraços, ouvidos e palavras;

A todos os professores que contribuíram decisivamente para minha formação cultural, profissional e pessoal;

E a todos os que me acompanharam e me ajudaram nesses cinco anos de trajetória, cheia de altos e baixos. Cada um foi especial à sua maneira durante minha caminhada universitária e profissional.

Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. Crônica vem de Cronos, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo suplementar. Traz prazer, fugaz, talvez perigoso. Ao desembrulhá-la – pum! –, um estalo. Cronos é implacável. Até a gula acaba devorada.
(Marília Rothier Cardoso, 1995, p. 142)

Cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome vale-tudo: a crônica. Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais. Envergonhados, quem sabe, de um escrito que não se enquadra propriamente num gênero, que é quase uma fala, coisa de casa, useira e vezeira, literatura de pé-de-chinelo. (Marlyse Meyer, 1992, p. 128).

porque o homem corre a vida entre dois horizontes - o passado e o futuro - a saudade e a esperança
(Machado de Assis, 3 de janeiro de 1865, Diário do Rio de Janeiro).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. A CRÔNICA – GÊNERO DE MUITAS DEFINIÇÕES

- 2.1 Origens
- 2.2 A crônica e o folhetim
- 2.3 Características do gênero
- 2.4 A história miúda

3. CONTEXTO HISTÓRICO – O RIO E O BRASIL DE MACHADO DE ASSIS

- 3.1 A História graúda
- 3.2 Histórias do Rio
- 3.3 Frutinhas daquele tempo

4. A IMPRENSA DOS LITERATOS

- 4.1 Os escritores no jornal
- 4.2 O caminho para a notoriedade

5. MACHADO DE ASSIS – JORNALISTA E CRONISTA

- 5.1 A vida e a imprensa
- 5.2 O jovem frente ao novo
- 5.3 Crônica e metalinguagem

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2008 foi marcado por uma série de eventos em razão da celebração do centenário de morte de Machado de Assis, considerado o maior escritor da literatura brasileira. Publicações, ciclos de palestras, exposições, reportagens em diversos veículos de comunicação, concursos e até uma minissérie de TV baseada no romance “Dom Casmurro” reafirmaram a importância e a grandiosidade de sua obra para a cultura nacional. As homenagens serviram não só para lançar novos olhares sobre sua já consagrada produção ficcional, como também para chamar a atenção para outros lados do escritor, menos estudados, mas cruciais para sua carreira, para a consagração de seu estilo e para as letras brasileiras.

Dentre essas outras facetas se destaca sua trajetória jornalística, em especial como cronista. Sabemos que Machado foi um jornalista profissional, que dedicou mais de 40 dos seus 69 anos de vida à imprensa periódica, publicando poesias, crônicas, notícias, contos, romances, cartas, ensaios e críticas nas páginas dos jornais. Durante sua juventude – período abordado neste trabalho – o jornalismo foi de extrema importância em sua vida, pois garantiu seu sustento. Foi, de fato, sua profissão. Mesmo depois de se tornar funcionário público, Machado continuou ligado ao jornalismo durante certo tempo. Isso porque seu primeiro cargo no funcionalismo foi justamente na imprensa oficial.

O fato de o jovem Machado de Assis ter sido jornalista não é estranho no contexto da segunda metade do século XIX. Naquela época, circulavam pelas redações os chamados “homens de letras”: escritores – ou aspirantes a tal – que queriam viver de sua pena. Para isso, precisavam de um emprego. Por meio do jornalismo, esses literatos ganhavam a vida, praticavam a escrita e se tornavam conhecidos.

A crônica foi o palco preferido de Machado e seus contemporâneos. Juntos, eles consagraram o gênero, conferindo-lhe suas características modernas: o tom de bate-papo, a linguagem simples, a temática cotidiana, quase banal, e a maneira de tratar assuntos sérios de forma leve. Foi, portanto, durante o Segundo Império, que se forjou esse gênero tão amado, tão brasileiro e tão importante para a formação de um público leitor no Brasil. E Machado de Assis foi, sem dúvida, um dos mais aclamados cronistas de seu tempo.

A crônica é, portanto, uma faceta importante tanto para a obra machadiana quanto para a literatura e o jornalismo brasileiros. Por meio dela, o escritor desenvolveu seu estilo, praticou sua redação e expôs suas opiniões. Também consagrou o gênero como um laboratório jornalístico e literário e como um elemento quase indissociável das páginas dos nossos

periódicos. Apesar disso tudo, a crônica machadiana ainda é pouco estudada, se comparada à obra ficcional do autor.

O peso da crônica na cultura brasileira – em particular no jornalismo – a importância de Machado de Assis para a formação do gênero e sua longa trajetória na imprensa periódica foram, portanto, os motivos que levaram esse trabalho a se voltar para a crônica machadiana. Vamos nos deter, no entanto, em um aspecto muito particular dessa produção: a visão que o próprio Machado tinha a respeito da crônica e do papel do jornal na sociedade, por meio da análise da metalinguagem em seus textos.

A discussão sobre a própria crônica foi uma das temáticas preferidas de Machado de Assis. Ao longo de todos os seus cerca de 40 anos de produção, o escritor criou interessantes definições para a crônica e o folhetim, elementos que por vezes se confundiam. Seu ofício de cronista também esteve em pauta diversas vezes. E seu entusiasmo pelo jornalismo – novidade que lhe permitia viver de seus escritos – nunca foi disfarçado.

Escolhemos este enfoque por duas razões principais. Primeiro porque Machado foi um dos pais da crônica moderna brasileira; e entender sua visão sobre o gênero é também uma maneira de entender o que é esse tipo de texto, misterioso híbrido de literatura e jornalismo. Em segundo lugar, porque queremos ressaltar a curiosa “mania” que os cronistas brasileiros têm de tentar encontrar uma definição para a crônica em suas próprias crônicas; “mania” essa que Machado desenvolveu com maestria.

O objetivo principal deste trabalho é, portanto, resgatar a crônica de Machado de Assis, destacando sua importância para a literatura e o jornalismo brasileiros, bem como para a própria obra do escritor. Mais especificamente, vamos compreender a visão que Machado tinha sobre seu ofício e o fruto de seu trabalho; vamos situar o autor no universo dos escritores-jornalistas da segunda metade do século XIX, época em que jornalismo e literatura se confundiam; vamos destacar sua carreira na imprensa, resgatando sua trajetória; e finalmente vamos demonstrar a influência de Machado na formação da crônica, e desta na formação do estilo do escritor.

Para isso, vamos nos concentrar na análise das crônicas publicadas entre os anos de 1858 e 1878. Ou seja, focaremos nos primeiros 20 anos – ou na primeira metade – da produção jornalística de Machado, o que equivale à sua juventude (entre os 20 e os 40 anos de idade). A intenção desse recorte temporal foi tentar construir o olhar de um jovem Machado, visivelmente entusiasmado com as possibilidades do jornalismo – a exposição de suas opiniões, uma democracia idealizada e, é claro, a chance de viver de seus escritos e de ganhar

fama como homem de letras. Afinal, foi a partir do trabalho nas redações que Machado se envolveu com o universo da literatura.

Tomaremos como base os textos classificados como crônicas na “Obra Completa” digitalizada do Ministério da Educação. A seleção do MEC se baseou em edições já publicadas, como a da Jackson e a da Nova Aguilar. Esses textos não correspondem à totalidade das crônicas machadianas – como pudemos perceber pela pesquisa – mas constituem a maior parte da obra do escritor nesse gênero. Consideramos o recorte bem delimitado e confiável.

No entanto, procuramos não divergir das opiniões de outros estudiosos da obra de Machado no que diz respeito à autoria dos textos. Como sabemos, era muito comum, na segunda metade do século XIX e início do século XX, a utilização de pseudônimos na imprensa. A edição do MEC atribui a Machado de Assis as séries “Badaladas” e “Crônicas do Dr. Semana”, ambas da *Semana Ilustrada*. No entanto, alguns especialistas em Machado, como o historiador Jean-Michel Massa, consideram que nunca houve um estudo criterioso que confirmasse essa autoria ou a de qualquer outro texto da *Semana Ilustrada*. Isso porque, nesta revista, as crônicas eram escritas sob um pseudônimo coletivo. Isto é, vários escritores publicaram em suas colunas sob uma mesma assinatura. Portanto, embora saibamos que Machado colaborou para esse periódico entre 1860 e 1875, não podemos precisar quais textos são de fato seus. Por isso, excluimos de nosso estudo essas duas séries, presentes, no entanto, na obra do MEC.

Para compor este trabalho, começamos pelo levantamento bibliográfico, buscando obras teóricas sobre crônica, sobre a crônica machadiana, sobre a vida do escritor e sobre a ligação entre literatura e jornalismo; além, é claro, das crônicas de Machado de Assis publicadas entre 1858 e 1878. A este levantamento se seguiram a leitura do material e a concomitante seleção de trechos marcados pela metalinguagem nas crônicas machadianas. Ou seja, escolhemos pedaços em que o autor pondera sobre o que é a crônica (ou o folhetim, o que, para os efeitos desse trabalho, dá no mesmo); discute o papel do jornal e suas possibilidades; e expõe seu processo de escrita por meio do bate-papo com o leitor, da maneira de mudar de tópico e das “reclamações” acerca da falta de tempo, de espaço e de assunto para escrever.

Desse universo bibliográfico, podemos destacar quatro obras principais no que diz respeito ao embasamento teórico do trabalho, e quatro crônicas que exemplificam bem o perfil dos trechos machadianos analisados. O primeiro grupo é composto pelo texto “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido (1992), que compila as principais características do gênero crônica; pelo livro “Pena de Aluguel”, de Cristiane Costa (2005), em que a autora

estuda a relação entre o jornalismo e a literatura a partir da virada do século XX; pelo ensaio de biografia intelectual “A juventude de Machado de Assis, 1839 a 1870”, de Jean-Michel Massa (2009), que nos ajudou a reconstruir a trajetória jornalística do escritor nos anos de sua juventude; e pelo estudo “Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais”, de Lúcia Granja (2001), que nos ajudou a pontuar e sistematizar o estudo da metalinguagem nas crônicas machadianas.

No segundo grupo, colocamos o ensaio “O passado, o presente e o futuro da literatura”, (*A Marmota*, 1858); as crônicas “O jornal e o livro” (*Correio Mercantil*, 1859) e “A reforma pelo jornal” (*O Espelho*, 1859); e um texto sobre o nascimento da crônica, publicado em 1º de novembro de 1877 na *Ilustração Brasileira*. Os três primeiros, aos quais dedicamos um tópico em separado, revelam a opinião do jovem Machado de Assis a respeito do jornalismo e da posição deste em relação à literatura. O último, por sua vez, é talvez aquele em que o escritor demonstra com mais clareza sua visão sobre a crônica, que teria nascido da conversa entre duas vizinhas.

Começaremos nosso estudo por uma discussão teórica do gênero. No segundo capítulo, estabeleceremos a origem da crônica, suas principais características e sua relação com o jornalismo e com a História. Veremos que o termo “crônica” remonta à Idade Média, mas era usado com um significado diferente do atual. Já o tipo de texto crônica teria nascido no século XIV, sob a designação de ensaio. Modernamente, no século XIX, passamos a chamar, no Brasil, o ensaio de crônica. E esta teria chegado aqui por meio de uma importação da França: o folhetim.

O folhetim é o espaço, no jornal, onde eram publicadas as chamadas “variedades”, a crônica entre elas. Cada uma pode ser, por sua vez, também chamada de folhetim, como indicou Marlyse Meyer (1992). Definido o que é o folhetim, vamos mostrar como ele chegou ao Brasil e, dessa forma, estabelecer a relação que o jornalismo mantém com a crônica. Veremos que o jornal é o principal tipo de suporte da crônica. Esse flerte entre literatura e jornalismo se deveu à presença dos escritores nas redações no século XIX e início do XX. Ainda que com menor intensidade, essa ligação entre os dois campos das letras perdura até hoje, bem como a presença das crônicas na imprensa periódica.

Ao definir as características da crônica, vamos também descobrir por que ela é um híbrido entre jornalismo e literatura. De um lado, a origem ligada ao folhetim – elemento jornalístico –, a linguagem simples e direta e o comentário do dia-a-dia; de outro, o espaço para a imaginação, a opinião, o uso do humor e da ironia, o tom de bate-papo e a maneira jocosa de tratar assuntos sérios – atributos da literatura. Veremos também que por meio de seu

ar despreocupado, a crônica acaba se tornando uma ferramenta eficiente para reflexões mais profundas.

Finalmente, falaremos da relação entre crônica e História. Afinal, o fato de estar atrelada ao cotidiano – em especial no século XIX, quando tomava a forma de comentário acerca das notícias mais importantes da semana – transforma a crônica em um importante relato de seu tempo, que não deve ser ignorado pelos historiadores.

O terceiro capítulo será inteiramente dedicado à contextualização da época em que Machado produziu as crônicas que serão analisadas. Em primeiro lugar, abordaremos de forma objetiva os principais acontecimentos históricos do Segundo Reinado e do início da República, períodos em que Machado atuou na imprensa. Essa descrição é fundamental, uma vez que a crônica é um gênero atrelado a seu tempo – aos hábitos, à cultura e aos acontecimentos políticos de uma época. Em seguida, traçaremos um perfil do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Afinal, além de ter sido o cenário de todas as crônicas analisadas, a cidade foi frequentemente tema dos comentários machadianos. Enfim, trataremos das inovações tecnológicas daquele tempo, outro assunto recorrente nos folhetins de Machado e seus contemporâneos.

No quarto capítulo trataremos da relação entre escritores e imprensa no final do século XIX e início do século XX, a partir de um estudo de Cristiane Costa (2005). A autora tomou como base uma pesquisa realizada pelo cronista João do Rio nos primeiros anos do século passado, na qual perguntava a diversos homens de letras que atuavam na imprensa se o jornalismo era bom ou mau para a arte literária. A partir da resposta, foi possível concluir que as opiniões estavam divididas e que a imprensa periódica foi, naquela época, a melhor saída encontrada pelos escritores para poderem viver de sua pena. Pois se, por um lado, o jornalismo poderia tornar a escrita automática, tolher a criatividade e não deixar tempo para a dedicação à arte, por outro, dava sustento material, prática e notoriedade aos literatos.

Finalmente, no quinto capítulo entraremos no ponto principal de nossa discussão. Começaremos por uma breve biografia de Machado de Assis, atrelada à sua atuação na imprensa periódica. Descobriremos para que jornais e revistas colaborou e como, através do jornalismo, conheceu pessoas que foram de extrema importância para sua carreira, tanto na imprensa, como na literatura e no serviço público. Veremos também que o jornalismo abriu-lhe as portas dos círculos literários, o que também foi decisivo para sua posterior consolidação como romancista de renome.

Depois da parte biográfica, seguiremos para a análise dos textos. Primeiro, “O passado, o presente e o futuro da literatura”, “A reforma pelo jornal” e “O jornal e o livro”. A partir

dessas três obras vamos compor a visão do jovem Machado sobre as possibilidades do jornalismo: seu caráter democrático, a profissionalização do homem de letras e sua superioridade à literatura em matéria de acesso e velocidade. Depois, o estudo da metalinguagem nas crônicas, destacando os trechos em que o escritor discute o gênero, criando definições para ele. Vamos, neste tópico, também conhecer alguns recursos de que Machado se utilizava para expor ao leitor seu modo de produção textual. O narrador trava um diálogo com seu público, explica alguns de seus lances narrativos – como as mudanças de assunto dentro do texto – e revela seus desgostos frente às vicissitudes do jornalismo.

A partir dessa análise, veremos como Machado foi importante para a consolidação da crônica brasileira, fortalecendo sua relação com o jornalismo, e de como esta, por sua vez, influenciou sua obra. Veremos também como a estreita ligação entre literatura e imprensa, naquela época, foi decisiva para a crônica ter tomado sua forma moderna. E ampliaremos, é claro, nosso leque de definições desse gênero tão brasileiro e apaixonante.

2. A CRÔNICA – GÊNERO DE MUITAS DEFINIÇÕES

A jornada para compreender a visão machadiana da crônica, da imprensa e de seu ofício de jornalista-escritor começa pela discussão em torno desse gênero híbrido, litero-jornalístico, tão brasileiro e peculiar. Neste primeiro capítulo, vamos tentar defini-lo a partir das análises de estudiosos do assunto e até de opiniões de outros cronistas. Pois refletir sobre esse tipo de texto parece ser próprio do ofício de seus autores. Por isso, veremos que Machado de Assis não foi o único a exercitar uma espécie de metalinguagem em suas crônicas.

Começaremos pelo começo: definição da palavra crônica e origens do gênero. Em seguida, uma discussão que procura situá-lo no universo da literatura. Na segunda parte, cuidaremos de como a crônica penetrou no Brasil e do espaço que ocupava na imprensa – o folhetim.

No terceiro item, serão enumeradas e discutidas algumas características do gênero, apontando-se os pontos de proximidade e de distanciamento em relação ao jornal, seu principal suporte. Veremos que a crônica se abrigou e solidificou, a ponto de transpor as páginas dos periódicos e ir parar nos livros. Assim como para Machado de Assis, a crônica foi para muitos escritores brasileiros o ponto de partida, a forma de alcançar renome e, para alguns ainda, o gênero que os consagrou.

Finalmente, vamos analisar a relação entre crônica e história, que transforma os textos do gênero em espécies de documentos do cotidiano, ajudando os historiadores a resgatar as características de uma época

2.1. Origens

Muitas foram as formas que escritores e pesquisadores da literatura encontraram, ao longo do tempo, para definir o que seria a crônica. Antônio Candido considerou-a um “gênero menor” (1992, p.13); José Saramago se perguntou o que são as crônicas e respondeu: “são o que podem ser” (*apud* NEVES, 1995, p. 31); Marlyse Meyer a chamou de “literatura de pé de chinelo” (1992, p. 128); e Fernando Sabino escreveu que a crônica “busca o pitoresco ou o irrisório no cotidiano de cada um” (*apud* MOSCATELLI, 2006, p. 18).

Parece que os cronistas sempre estiveram em busca de uma definição à altura da complexidade desse gênero tão ligado ao que há de mais simples na vida. Com Machado de Assis, como veremos, não foi diferente. Em seus textos, o autor expunha os desafios da escrita, seu pensamento acerca do gênero e sua opinião sobre o papel de seu ofício na

imprensa. Mas antes de abordarmos a visão machadiana da crônica, vamos mergulhar na discussão do gênero: resgatar seu histórico, sua origem e as definições dos estudiosos.

A palavra crônica vem do grego *khronos* – tempo. A partir daí já se pode perceber que a crônica é um gênero profundamente ligado ao tempo, embora no Brasil, modernamente, a palavra tenha ganhado sentido diferente do original e daquele que ainda possui em outros países.

Segundo Afrânio Coutinho, crônica “é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica” (COUTINHO, 1986, p. 120), acepção original da palavra quando do surgimento desse tipo de texto. Para alguns autores, a origem da crônica remonta à Idade Média. Naquela época, o sentido da palavra se limitava a designar os textos que tinham a função simplesmente de “registrar, em ordem cronológica, os episódios mais ilustres que aconteciam nas famílias dos senhores feudais e dos reis ou ainda podiam remeter às cenas pitorescas da então nascente vida urbana.” (FONSECA, 2007, p. 22). No entanto, esses textos não eram seguidos de apreciação crítica ou impressões subjetivas.

Sendo assim, em sua acepção original, medieval, as crônicas se aproximavam do que se poderia chamar de anais. Essa é uma das definições de Frei Domingos Vieira, “Crônica – Anais pela ordem dos tempos, por oposição à história, em que os fatos são estudados nas suas causas e nas suas consequências.” (VIEIRA *apud* COUTINHO, 1986, p. 120) Esse sentido prevalece até hoje em países europeus, mas não no Brasil. Aqui, a palavra crônica ganhou outro sentido a partir do século XIX. O mesmo tipo de texto também existe – aliás, originou-se – na Europa, mas sob designações diferentes, como veremos adiante.

Para Afrânio Coutinho, a origem da crônica como a conhecemos hoje é anterior à Idade Média. O autor inclui a crônica num grupo de gêneros “estritamente literários” chamado “ensaístico”, onde também se incluem o ensaio, o discurso, a carta, o apólogo, a máxima, o diálogo e as memórias. Esses textos se caracterizam pelo fato de seus autores utilizarem um método direto de se dirigir a seu leitor (COUTINHO, 1986, p. 117).

Sendo assim, a crônica é, segundo Coutinho, um tipo de ensaio, definido pelo autor como “dissertação curta e não metódica, sem acabamento sobre assuntos variados em tom íntimo, coloquial, familiar.” (COUTINHO, 1986, p. 118). O autor explica que esse tipo de texto, marcado pela oralidade e pela subjetividade do autor – que simplesmente transpõe para o papel seus pensamentos, sentimentos e impressões – possui ancestrais na Bíblia, em Cícero, Sêneca, Plutarco, Plínio, Marco Aurélio etc. Modernamente, o pai do gênero seria Montaigne, com seus *Essais*, de 1596.

De acordo com Coutinho, o que nós brasileiros chamamos atualmente de crônica equivale ao que ingleses e franceses, por exemplo, chamam de ensaio: um tipo de texto marcado pelas reações do artista diante da realidade, sem forma fixa, curto, direto, incisivo, interpretativo, elástico, flexível, livre, com liberdade de estilo e linguagem coloquial. “Os ensaístas sentam-se e observam o espetáculo do mundo, às vezes se divertem com ele, ou dele motejam, ou moralizam a seu respeito. Tudo o que é humano lhes interessa.” (COUTINHO, 1986, p. 119).

O autor explica ainda que, no Brasil, assim como a crônica, o ensaio ganhou uma acepção diferente. Equivale ao estudo crítico, um tipo de texto científico, objetivo, bem mais formal. Já o que chamamos de crítica fica restrito ao que é publicado nas páginas dos jornais. De qualquer forma, o que podemos notar é que, mesmo antes de a crônica-relato-histórico se tornar, para nós, no século XIX, a crônica-relato-subjetivo-sobre-o-cotidiano, textos semelhantes já existiam na Europa, e foi sob essa influência que eles aqui também surgiram.

Na opinião de Coutinho, a crônica moderna no Brasil começou com Francisco Otaviano (1825-1889), no folhetim do *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1852. Em meados do século XIX, portanto, fase de grandes transformações no Brasil e na capital federal, que influenciaram a fixação do gênero no país, como veremos adiante. No entanto, Jorge de Sá, por exemplo, defende que a crônica no Brasil – e não brasileira – surgiu ainda antes, com a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel I de Portugal, descrevendo suas impressões diante do novo e exótico mundo que acabara de ser descoberto.

“A história da nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica,” diz Sá (2005, p. 7). Sim, pode parecer exagero, mas não deixa de fazer sentido, já que o relato de Caminha é profundamente ligado ao tempo e ao espaço, subjetivo, impressionista, de estilo rico e descritivo do cotidiano observado.

2.2. A crônica e o folhetim

É possível traçar um perfil da crônica brasileira moderna a partir de algumas de suas definições e de estudos já feitos sobre o gênero, de forma a entender suas particularidades. Antes de tudo, a crônica moderna é um gênero profundamente ligado às páginas de jornal. Isso porque, no Brasil – carta de Caminha à parte – ela nasceu e se fixou nesse tipo de suporte, em meados do século XIX, numa seção denominada folhetim.

Em seu texto “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica”, Marlyse Meyer desenvolve uma longa e deliciosa análise do que seria, afinal de contas, essa novidade da imprensa brasileira do século XIX chamado folhetim. Esse “novo animal”, como descreveu Machado de Assis, nasceu na França e, em sua origem, era um espaço vazio no rodapé da primeira página, que podia ser preenchido de diferentes maneiras: com piadas, charadas, receitas, críticas literárias ou de espetáculos, poemas, contos, romances fatiados e, por que não, crônicas.

Essa seção de “variedades” passou a abrigar também um tipo diferente de literatura, o romance-folhetim, publicado em capítulos e sempre com um corte nos momentos cruciais da narrativa, que obrigavam o leitor a comprar o jornal seguinte ou assiná-lo para continuar acompanhando. Dessa maneira se consagraram escritores como Eugène Sue, Alexandre Dumas pai, Paul Feval, Soulié, Ponson du Terrail e Montepin. Tudo isso, na França. Mas por aqui também tivemos nossa porção de estrelas literárias, que alavancaram as vendas e assinaturas de muitos periódicos com suas histórias.

Assim, a palavra folhetim acabou servindo para designar diferentes elementos do jornal: o espaço vazio no rodapé dos periódicos destinado ao entretenimento; o tipo de romance publicado ali (romance-folhetim); por extensão, qualquer romance publicado aos pedaços; e finalmente, cada um dos tipos de texto que faziam parte da seção de variedades (crônicas, resenhas, críticas, poemas, anedotas etc.).

A imprensa francesa apostou pesadamente no folhetim, que ganha lugar de honra no jornal a partir do início do século XIX e se vê multiplicado também em diversos periódicos destinados exclusivamente às chamadas “variedades”. A seção passa a não ocupar mais somente a primeira página e se estende às páginas internas. Como era próprio do Brasil na época, importamos o modelo francês, o que ajudou, mais tarde, a desenvolver nossa literatura.

Em 1838, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, inaugura a tradição do folhetim no Brasil, ao publicar a tradução do romance “Capitão Paulo”, de Dumas, pouco depois de sua estreia na França. A partir daí, a moda pegou, e diversos periódicos por todo o país desenvolveram seus folhetins, que traziam ora material importado, ora produção nacional de folhetinistas que se tornariam, eventualmente, grandes nomes da literatura brasileira. Além do *Jornal do Commercio*, veículos como o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil* (também do Rio), o *Diário de Pernambuco* e o *Correio Paulistano* (de Campinas, SP) aderiram à prática para aumentar o número de leitores fiéis. Isso sem contar as folhas especializadas em variedades que eram, grosso modo, folhetins por completo, como *O Espelho* e *A Estação*, que contaram com a contribuição de Machado de Assis-folhetinista.

O folhetim foi sem dúvida mais uma importação à francesa do século XIX, o que levou Machado a afirmar que “escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil” (1859) ¹. Mas essa influência estrangeira foi, aos poucos, sendo incorporada e ajudou a moldar nossa própria literatura, ampliando os horizontes dos brasileiros da época. A ponto de um dos textos folhetinescos, a crônica, se tornar um gênero brasileiro por excelência. Como afirma Marlyse Meyer:

De um modo geral o território livre do folhetim na nossa ainda balbuciente cultura vai ajudar a dar forma a esse balbucio, soltando a língua e obrigando precisamente a não ficar só de olho em Paris, mas também baixá-lo para ver e daí falar do que vai por aqui. Quanto à matéria traduzida de variadas revistas europeias, não trata só de frivolidades de Paris, ou de azares de turfe; são boas revistas que se traduzem, com originais muitas vezes escritos por alertas manejadores da pena. Matéria de entretenimento, nem por isso deixaria de ter um papel formador. Para a gente muito tempo reclusa na colônia, é sempre uma abertura para o mundo grande; desprovincializa, cultiva, ainda que seja verniz de cultura. (MEYER, 1992, p. 126)

Vale lembrar que foram as páginas dos jornais que trouxeram as primeiras publicações de grandes obras da nossa literatura, passos iniciais de uma produção nacionalista, que buscava uma língua propriamente brasileira e a formação de uma identidade nacional: *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo (1844), *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (1852-53), *O Guarani*, de José de Alencar (1857), *Iaiá Garcia* (1878) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1879), ambos de Machado, só para citar alguns. Todos autores que se consagraram na imprensa e na literatura.

Foi, portanto, nos folhetins que a crônica moderna nasceu e se desenvolveu no Brasil, sendo designada ela própria como um tipo de folhetim. Ao lado do romance e até da poesia, que também frequentava os periódicos, a crônica foi mais um gênero literário alavancado pelo desenvolvimento da imprensa no século XIX, que será analisado mais tarde, assim como a forte presença dos escritores nas redações. Da mesma forma, veremos também em que ponto o jornalismo e a literatura se separam. Mas, por agora, vejamos o que caracteriza, afinal, o gênero crônica.

¹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Aquarelas”. *O Espelho*, 30 de outubro de 1859. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl5.pdf>> Acesso em: 7 dez 2008.

2.3. Características do gênero

Antonio Candido é autor de um belíssimo texto no qual apresenta as características desse gênero híbrido de literatura, jornalismo e história, brasileiríssimo e já definido tantas vezes. Em “A vida ao rés-do-chão”, lugar onde nasceu a crônica moderna (no rodapé da página), o autor é taxativo: “parece mesmo que a crônica é um gênero menor. ‘Graças a Deus’ – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.” (CANDIDO, 1992, p. 13).

O que Candido quer dizer é que a crônica está atrelada justamente ao que há de mais mundano, mais simples, mais cotidiano na vida das pessoas. Às coisas miúdas mesmo. Tudo isso dentro de uma forma leve e despretensiosa: assuntos de “composição aparentemente solta”, “ar de coisa sem necessidade”, linguagem natural, “que fala de perto”. Por outro lado, um gênero que recupera “uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada candidata à perfeição.” (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

A crônica é caracterizada por textos curtos, de linguagem leve, busca a oralidade na escrita e utiliza um “tom menor de coisa familiar” (CANDIDO, 1992, p. 17). É comum o uso do humor e da ironia. Com seu jeito despretensioso, seu tom ligeiro, seu “ar de quem está escrevendo à toa”, é capaz de mostrar a grandeza existente nas pequenas coisas da vida, de revelar a beleza contida nos temas mais mundanos, desvelar a poesia contida nas miudezas (CANDIDO, 1992, p. 14-15).

Para Antonio Candido, por baixo dessas aparentes despretensão e simplicidade se esconde uma grande riqueza a ser explorada pelo leitor. A crônica é, portanto, um veículo privilegiado para se pensar a vida e a atualidade. Segundo Candido,

é curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. (1992, p. 17-18)

Candido compara, ainda, o ofício de cronista a “ser brotinho”, expressão que dá título à antológica crônica de Paulo Mendes Campos. Nela, o autor diz que ser brotinho é “esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto.” (CAMPOS *apud* CANDIDO, 1992, p. 21). Em seguida, Candido afirma:

O leitor fica se perguntando se ser brotinho não é um pouco ser cronista, dando aos objetos e aos sentimentos um arranjo tão aparentemente desarranjado e na verdade tão expressivo, tirando significados do que

parece insignificante. ‘(...) dar sentido de repente ao vácuo absoluto’ é a magia da crônica (CANDIDO, 1992, p. 22)

O fato de ter nascido no jornal diário fez com que a crônica se firmasse como um gênero profundamente atrelado à atualidade, ao dia a dia, aos fatos corriqueiros e também àqueles mais excepcionais, noticiados em outras seções dos jornais. Tanto que, no início, principalmente na segunda metade do século XIX, se constituía em um comentário dos assuntos principais da semana, da quinzena ou até do mês, pincelados com ironia, estilo e, às vezes, poesia, como é o caso das crônicas machadianas. Mais tarde, já no início do século XX, os textos do gênero passaram a se assemelhar a reportagens, contando histórias da cidade e do cotidiano de diversos grupos humanos, nas linhas escritas por autores como Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, e Rubem Braga.

Atualmente, os dois formatos continuam existindo, mas a crônica ganhou, ainda, mais uma função, sem perder, entretanto, sua veia reflexiva. Como afirma Antonio Candido,

Ao longo deste percurso [a crônica] foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (CANDIDO, 1992, p. 15)

Todas essas faces do gênero acabaram fazendo com que o ele pudesse ser confundido com outros – ora com a reportagem, ora com a crítica, ora com o conto – e levaram alguns estudiosos a traçarem diferenciações e classificações. Jorge de Sá, por exemplo, deixa bem clara a diferença entre a crônica e o conto: a primeira “conservou a marca de registro circunstancial feita por um *narrador-repórter*” (SÁ, 2005, p. 7). Já o segundo “tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira a valoração moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces.” (SÁ, 2005, p. 7).

Afrânio Coutinho, por sua vez, divide a crônica em diferentes tipos: *narrativa*, que se assemelha ao conto por se centrar na narração de uma estória ou episódio; *metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico; *poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, composto por divagações do autor ante o “espetáculo da vida” e de linguagem poética e trabalhada; *crônica-comentário*, como as de Machado de Assis e José de Alencar na segunda

metade do século XIX, comentando os assuntos mais importantes da semana; e *crônica-informação*, informativa, parecida com uma reportagem, mas com apreciações sobre os fatos.

A forte ligação do gênero com o jornal também se evidencia em outros aspectos. Afrânio Coutinho ressalta a influência do jornalismo e da ligação com a atualidade na construção de uma língua mais brasileira. A crônica deve empregar a linguagem de seu tempo, inclusive gírias, jogos de palavras e outras expressões circunstanciais que talvez desapareçam com o tempo, a fim de refletir o espírito da época. Utilizar a linguagem do presente é uma forma de caracterizar o momento social.

Jorge de Sá vê o cronista como um narrador-repórter, pois a crônica seria uma soma de jornalismo (uma parte informativa e ligada à atualidade) e literatura (pela linguagem, a visão subjetiva e o estilo contidos no texto). Outra particularidade referente ao jornalismo é que esse autor se dirige a um público amplo, que tem preferência pelo jornal em que a crônica é publicada. O texto estaria, ainda, submetido ao jogo de forças e ao processo de produção do jornalismo. Para Sá, há uma limitação ideológica, pois a crônica não poderia entrar em desacordo com a linha editorial do veículo, além das limitações de espaço, que obrigam o cronista a ser econômico nas palavras e levam a crônica a ser um tipo de texto essencialmente curto (SÁ, 2005, p. 7-8).

Há ainda outra limitação: a pressão do tempo, que obriga o cronista a produzir segundo um *deadline*, mesmo que ele não tenha o que dizer. Machado de Assis, por exemplo, vivia reclamando disso em suas colunas: “Assim como as árvores mudam de folhas, as crônicas mudam de título; e não é essa a única semelhança entre a crônica e a árvore. Há muitas outras, que não aponto agora por falta de tempo e de papel.”²

Afrânio Coutinho, entretanto, tem uma visão diferente a respeito da subordinação do cronista à ideologia do jornal para o qual escreve. Ele afirma a sua autonomia:

A crônica impõe-se, ainda que discretamente, pelo espírito de independência. E, encarada pelo cunho do individualismo que sempre a distinguiu, o pressuposto é de que o cronista aja sempre de maneira livre e desembaraçada. Não é raro o caso de, num jornal, o cronista revelar uma opinião em desacordo com a linha ortodoxa do mesmo órgão (COUTINHO, 1986, p. 135)

A forte ligação com a forma de produção, o suporte e a linguagem da imprensa pode levar a um questionamento acerca do lugar da crônica. Afinal, onde ela se localiza, entre o

² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História dos trinta dias”. *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr08.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

jornalismo e a literatura? Para alguns autores, como Marlyse Meyer, a “dita-cuja” é mesmo um gênero híbrido, pois não manifesta intenção explícita de fazer literatura, mas ultrapassa o mero relato ou informe jornalístico (MOSCATELLI, 2006, p. 19).

Esse hibridismo aparece claro até mesmo para os cronistas, como Fernando Sabino, que se compara a um “repórter criativo”, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade de o próprio repórter ter mais estilo para relatar a notícia:

Estou tentando dar um pouco de qualidade literária a assuntos que não têm nada a ver com a literatura. Descobri que o importante é ser repórter criativamente. E, pensando bem, nesse ponto, a crônica pode ter o seu lugar, até evoluir, porque ela é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura. (SABINO *apud* BARROSO, 1996, p. 22)

Mas há autores que consideram a crônica um gênero estritamente literário, como, por exemplo, Afrânio Coutinho. Ele a considera “uma forma literária de requintado valor estético”, que ganhou enorme importância na literatura brasileira, a ponto de um escritor como Rubem Braga ter entrado para a história somente como cronista (COUTINHO, 1986, p. 135).

Coutinho não nega a conexão entre jornalismo e crônica – o suporte, a linguagem simples, a síntese, a forte ligação com o cotidiano, o modo de produção – mas ressalta que, enquanto o primeiro tem como objetivo informar ou mesmo comentar um fato, a segunda utiliza o fato como pretexto, do qual o artista tira “o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito (de *finesse*), de sua graça, de suas faculdades inventivas.” (COUTINHO, 1986, p. 136). Portanto, “a crônica é na essência uma forma de arte imaginativa, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo.” (1986, p. 136). Ela pode superar sua base jornalística e atingir a “transcendência literária”, tornando-se um gênero literário autônomo. Prova disso é o fato de que o gênero alçou voo: saltou das páginas dos jornais para as páginas dos livros.

2.4. A história miúda

Historicamente, com todas as mutações já vistas, a crônica sempre esteve ligada ao tempo vivido, ao cotidiano. É nele que os cronistas encontram a matéria-prima para seus textos. A partir da observação da realidade – das discussões políticas, das manifestações culturais, da agitação das ruas, das novas tecnologias, enfim, de tudo o que afeta a vida das pessoas comuns – o autor cria retratos de seu tempo, pincelados por suas próprias impressões,

modificados por sua imaginação. Como afirma José Saramago, “ao cronista compete ser registrador do tempo, o seu particular e aquele em que mais alargadamente vive.” (SARAMAGO *apud* NEVES, 1995, p. 22)

Sendo assim, é possível inferir que a crônica não é somente um híbrido entre literatura e jornalismo, mas também tem um quê de documento histórico. Talvez “documento” não seja bem o termo certo. Mas há, sem dúvida, uma relação do gênero com a História, e do cronista com o historiador.

É claro que não podemos negar as diferenças entre História e crônica. Da primeira, “se espera erudição, precisão nos dados, pesquisa documental cuidadosa e exaustiva, método de trabalho definido e referencial teórico consistente.” (NEVES, 1995, p. 19). Já a segunda é caracterizada por um tom leve, acessibilidade ao leitor, comentários impressionistas, forma fragmentária, subjetiva e livre. Até os suportes dos dois tipos de relatos são radicalmente diferentes: se o primeiro praticamente conquista a eternidade nos livros, o segundo desaparece no fim do dia junto com as efêmeras páginas de jornais (NEVES, 1995, p. 20).

Apesar disso, os dois gêneros também têm muito em comum. Margarida Neves encontrou esses pontos convergentes. Para ela, a crônica, tal qual a História, é um tipo de texto que tematiza o tempo e, simultaneamente, o mimetiza:

Historiador do cotidiano, como o cronista que registra e comenta o que seleciona da imprensa ou da vida ou historiador dos processos (...) como o historiador *tout court* que expõe, pela análise como pela narrativa, o resultado de sua pesquisa, também ela uma seleção, ambos, cronistas e historiadores, fazem do *tempo* sua matéria-prima. (NEVES, 1995, p. 17) ³

A fim de ilustrar essa relação ao mesmo tempo de contraste e de proximidade, a autora cita uma passagem exemplar de uma crônica de Machado de Assis, para quem o cronista é o “historiador das coisas miúdas”:

A história é uma castelã muito cheia de si e não me meto com ela. Mas a minha comadre crônica, isso é que é uma velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as coisas miúdas e grandes, e põe tudo em pratos limpos. (ASSIS *apud* NEVES, 1995, p. 21)

O segundo elemento em comum entre os dois gêneros é a noção, que tanto o cronista quanto o historiador devem ter, de que o texto não constitui um retrato fiel da realidade, nem mesmo quando é um relato histórico, científico. A narrativa é uma leitura do real, uma

³ Grifo meu.

interpretação e uma seleção, um recorte dos fatos. Para Neves, o tempo na crônica e no relato histórico não é “linear, uniforme, constante e irreversível”. Além disso, “a crônica moderna, assumidamente comentário subjetivo sobre o real vivido, é talvez uma excelente ocasião para que a história reconheça em si o lugar da subjetividade, nas análises que o historiador elabora como na documentação que utiliza.” (NEVES, 1995, p. 22-23).

Dessa forma, o historiador pode aprender com os cronistas, e mesmo utilizar as crônicas como documentos para as suas pesquisas. A crônica pode ser um documento do espírito de seu tempo. Os assuntos do momento, as opiniões de toda uma geração, as contradições de uma época estão todas ali naquelas páginas, sob diferentes perspectivas. Por exemplo, a necessidade de construção de uma língua e uma literatura mais brasileiras na segunda metade do século XIX ou as noções de “ordem” e “progresso” da virada para o século XX. Neves conta que alguns historiadores sugerem que as pequenas coisas do dia a dia, os indícios, são de extrema importância, pois podem servir como ponto de partida para a investigação de processos mais profundos (1995, p. 24-25).

Por tematizarem e interpretarem o tempo vivido, crônica e relato histórico têm em comum, portanto, o fato de construírem memória. Isso significa que ambos os gêneros “desenham identidades, sejam elas de uma geração, sejam de gênero, de grupos sociais ou de recortes espaciais bem definidos.” (NEVES, 1995, p. 26). Da mesma forma, cronistas e historiadores são autores e intérpretes da memória coletiva (NEVES, 1995, p. 27).

Além disso, os dois gêneros possuem, ainda, uma certa dimensão pedagógica, justamente porque cronistas e historiadores são “intérpretes do que dá sentido às coletividades” e seletores “de suas referências” (NEVES, 1995, p. 28).

No que diz respeito à história (...), esta dimensão pedagógica está presente tanto no seu caráter disciplinar e acadêmico como em sua função de definir e relacionar os sujeitos sociais, de ser intérprete do acontecido, de tecer sempre suas interpretações com os fios do passado e do presente, e, nessa tessitura, redefinir constantemente os sentidos da trama, dos cenáculos e dos atores.

A crônica, por sua vez, estabelece um curioso diálogo, quase sempre assimétrico, com o leitor, do qual dão testemunho cronistas de temporalidades muito distintas. (NEVES, 1995, p. 28)

3. CONTEXTO HISTÓRICO – O RIO E O BRASIL DE MACHADO DE ASSIS

Vamos agora passar a uma breve viagem pelo Brasil e, em particular, pelo Rio de Janeiro da época de Machado de Assis. Entender o contexto da segunda metade do século XIX é essencial para perceber como as transformações políticas, econômicas, sociais e tecnológicas da época influenciaram a escrita de Machado e seus contemporâneos. Vamos também conhecer um pouco mais a relação dos cronistas com a cidade.

Primeiro, traçaremos um panorama resumido do Brasil em que Machado viveu e o qual ele retratou e comentou em suas colunas. Em seguida, caracterizaremos o Rio de Machado, uma vez que a obra do autor teve profunda relação com a cidade onde ele nasceu e viveu durante toda a sua vida. A caracterização do Rio de Janeiro do Segundo Império e do início da República se faz importante também devido ao íntimo relacionamento entre a crônica e a então capital do país. Finalmente, abordaremos como Machado e seus contemporâneos enxergavam as inovações tecnológicas de um tempo em rápida transformação.

3.1. A História graúda

Machado de Assis publicou crônicas entre 1859 e 1900, em diversos periódicos fluminenses. Embora este trabalho seja focado nos primeiros vinte anos dessa produção, faz-se necessário relatar os principais acontecimentos históricos do Segundo Reinado, pelo menos entre 1859 e 1878, para se ter uma noção mais abrangente dos processos históricos em curso no período. Assim, será possível conhecer um pouco os assuntos sobre os quais se debruçava o jovem Machado ao se lançar na arte de cronista. Para entender o contexto histórico de forma mais ampla, abordaremos, aqui, todo o Segundo Reinado (1840-1889).

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839, penúltimo ano da Regência, às vésperas do Golpe da Maioridade. Como Dom Pedro I havia abdicado do trono em 1831 – pressionado pela aristocracia rural, cada vez mais insatisfeita com suas tendências absolutistas – e seu sucessor ainda era menor de idade, o governo foi assumido por regentes eleitos por senadores e deputados. Esse período de transição entre o Primeiro e o Segundo Reinados (1831-40) foi marcado pela presença efetiva da aristocracia rural no poder e pela eclosão de revoltas populares em todo o país, verdadeiras ameaças à ordem social e à unidade territorial do Brasil. Por isso, a regência de Araújo Lima foi marcada pelo conservadorismo – as eleições de 1836 levaram à Câmara uma maioria de regressistas, senhores de terras centralistas, ligados à economia cafeeira e contrários à grande autonomia que as províncias haviam adquirido ao longo do período regencial.

Com a ascensão dos conservadores, os liberais – de tendência federalista e mais amplamente representados pelas aristocracias periféricas – tramaram uma manobra política de maneira a antecipar a maioria de Pedro de Alcântara, sucessor do trono. Esta foi aprovada na Câmara em 1840, constituindo-se no chamado Golpe da Maioridade. O jovem herdeiro, então com 15 anos, jurou a Constituição, tornando-se Dom Pedro II. Como haviam se aproximado do novo imperador, os liberais estavam de volta ao poder.

Ao longo do Segundo Reinado, os partidos Liberal e Conservador se alternaram no governo. No entanto, suas diferenças passaram a ser superficiais, uma vez que ambos tinham em comum a oposição à participação do povo nas decisões políticas. Com a ascensão do café como principal produto de exportação brasileiro, as aristocracias periféricas se viram obrigadas a se curvar ante o poder econômico cada vez maior dos senhores de terra do Sudeste, onde eram cultivados os cafezais. Assim, as decisões tomadas no Segundo Reinado foram no sentido de centralizar o poder.

Vale lembrar que o voto, naquela época, era censitário, isto é, condicionado à renda dos votantes. As eleições se davam em vários níveis. Os eleitores de paróquia, com renda de 100 mil-réis, elegiam os de província, com renda de 200 mil-réis. Estes, por sua vez, votavam nos deputados e senadores, que deveriam ter, respectivamente, rendas de 400 e 800 mil-réis. Dessa forma, a ampla maioria da população ficava de fora dos processos decisórios do país. No entanto, em certas regiões, fraudes permitiam que pessoas mais modestas fossem reconhecidas como eleitores de paróquia, formando os “currais eleitorais” de alguns fazendeiros. Não era, portanto, uma participação política efetiva.

Além disso, o Brasil contava com um parlamentarismo muito peculiar. Para começar, a Constituição outorgada de 1824 garantia ao Imperador o Poder Moderador, ou seja, a possibilidade de interferir nos outros três poderes. Em segundo lugar, o Parlamento não tinha voz na escolha do Presidente do Conselho de Ministros, nosso equivalente do Primeiro-Ministro. O Imperador era quem o nomeava, e este, por sua vez, escolhia o Ministério. Deputados e senadores não participavam do processo. Indiretamente, nem seus eleitores.

Na Economia, o período foi marcado pela ascensão do café como principal produto de exportação, após a decadência de outros gêneros agrícolas que sofriam forte concorrência estrangeira. O café era um produto tropical de alto valor na Europa, assim como o açúcar. Sua cultura começou no Vale do Paraíba fluminense e se estabeleceu, posteriormente, no Oeste Paulista, sempre em latifúndios monocultores de mão de obra escrava. Os grandes lucros auferidos por seus produtores contribuíram decisivamente para o desenvolvimento de São Paulo e para a modernização do país.

Por ser extremamente dependente de importações, principalmente da Inglaterra, o Brasil continuava sendo um país de economia de moldes coloniais. Para atenuar as perdas com a arrecadação de impostos sobre importados – que haviam sido reduzidos para que a Independência fosse reconhecida – o governo tomou medidas protecionistas: elevou essas taxas, principalmente sobre o valor das mercadorias com similares produzidos internamente.

O capital gerado com a economia cafeeira e a elevação das taxas sobre importados estimularam, ainda que de forma incipiente, a formação de uma indústria e de um mercado internos. Houve um surto de empreendimentos urbanos, com a fundação de fábricas, bancos, companhias de navegação, de seguros, de transporte, de mineração, de gás e estradas de ferro. Na década de 1850, surge como símbolo da época o Barão de Mauá, empresário que investiu em diversos ramos. Em grande parte por causa dele, o Brasil viu surgir a produção de navios a vapor, as ferrovias e o telégrafo. No entanto, a forte concorrência e a pressão inglesas acabaram levando Mauá à falência em 1873.

Também no Segundo Reinado a escravidão iniciou seu declínio. O escravismo era, talvez, o principal alicerce do Império. Sua desagregação deve ter sido o principal sintoma do colapso do modelo político-econômico vigente. As pressões inglesas eram grandes, com o aumento da repressão ao tráfico negreiro – que já deveria ter sido extinto, segundo tratados internacionais – e até a ameaça de uma guerra de extermínio. A Inglaterra visava à formação de novos mercados consumidores assalariados, para a expansão de seu comércio. Esses fatores o Brasil a abolir o tráfico negreiro em 1850, pela Lei Eusébio de Queirós. A medida acabou liberando capitais antes destinados ao comércio de escravos para outros investimentos, o que também contribuiu para a modernização brasileira.

A submissão do Brasil à Inglaterra, tanto pelas pressões econômicas quanto políticas, ficam bem explícitas em crônica de Machado de 5 de setembro de 1864. Nela, o autor ironiza o discurso de um deputado que acreditava ser necessário que o Brasil se armasse. Machado defende, no entanto, que frente ao grande poderio bélico inglês, por exemplo, a diplomacia seria o caminho mais seguro para o país mais pobre e fraco (GRANJA, 2000, p. 94). Ele simula um diálogo entre Palas – que representaria a ilha britânica – e Mercúrio – o Brasil.

Palas — Ah! o império resistia, armava-se do direito contra as minhas fragatas! Respondia com altivez! Levantava a cabeça diante dos meus canhões! Pois agora sofra as consequências do erro.

Mercúrio — Longe de mim, ó Palas, contrariar o teu justo ressentimento: mas lembro-te que, na desforra legítima que tomaste, fui eu quem sofreu... Respeito as tuas fragatas, por que não respeitarias os meus brigues?

Palas — Mas o insulto que recebi? Ah eles vão ver coisas bonitas... Londres os espera, Londres há de fazer ouvir a razão àqueles senhores.

Mercúrio — Ouso ainda, ó Palas, fazer uma observação. Se o teu conde Russell quiser levantar a grimpá, o que será de Manchester e Liverpool? E as fazendas de algodão? E a cerveja? E a manteiga? E o canhamação? E a aniagem?

Palas — E a força da força?

A discussão continuou naturalmente por este tom, até que Mercúrio, à força de representações e petições, conseguiu acalmar Palas, ficando tão amigos como dantes.⁴

Entre 1865 e 1870, o Brasil se viu envolvido na mais longa guerra que já ocorreu na América do Sul: a Guerra do Paraguai. Os motivos foram as disputas territoriais na região do Prata: Argentina e Brasil cobiçavam o Uruguai e apoiavam lados opostos de uma guerra civil na ex-província brasileira; a Argentina também cobiçava o Paraguai, que por não ter saída para o mar, desenvolveu-se internamente, a fim de não depender demais de Buenos Aires para a navegação no Rio da Prata. Para o Paraguai, a independência do Uruguai era uma espécie de garantia de trânsito pelo Prata. Sentindo-se ameaçado pela intervenção estrangeira no conflito uruguaio, o Paraguai invadiu o Mato Grosso em 1864, após capturar seu presidente de província.

O início do conflito foi amplamente comentado por Machado de Assis, ainda em 65. Dessa vez, Machado de Assis ironizou a diplomacia, defendendo que o Brasil pegasse em armas contra o Paraguai. O autor qualifica a diplomacia como “a arte de gastar palavras, perder tempo, estragar papel, por meio de discussões inúteis, delongas e circunlocuções desnecessárias e prejudiciais,”⁵ já que os diplomatas, em vez de terem uma posição política firme e bem definida para evitar conflitos, vinham sempre pendendo para o lado mais forte.

Assim, deflagrou-se um conflito sangrento, em que Brasil, Argentina e Uruguai uniram forças contra o pequeno, mas nada frágil, país platino. A Inglaterra, contrariada pela reduzida dependência externa do Paraguai, apoiou os aliados que, naturalmente, venceram o conflito. As consequências foram desastrosas para o Paraguai, que ficou arrasado; mas também o foram para o Império brasileiro. Foram acentuadas antigas contradições. As críticas à solução militar acabaram exaltando os ânimos e dando margem para o surgimento de ideais republicanos e para o questionamento da escravidão; um maior apoio do imperador aos conservadores, na figura de Caxias, herói da guerra, rompeu com a conciliação entre estes e

⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Ao acaso” (Crônicas da Semana), *Diário do Rio de Janeiro*, 5 de setembro de 1864. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr04.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Ao acaso” (Crônicas da Semana), *Diário do Rio de Janeiro*, 24 de janeiro de 1865. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr04.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

os liberais; além disso, o exército tomou consciência de seu valor e passou a questionar suas lideranças civis, a predileção do imperador pela Marinha e o prestígio da Guarda Nacional.

Considera-se o período de 1870 a 1889 como sendo o de declínio da monarquia. O debate em torno da escravidão se intensifica. Desde o fim do tráfico negreiro em 1850, a mão de obra cativa vinha se tornando cada vez mais escassa. Para as aristocracias do norte e do nordeste, em decadência econômica, a escravidão já não tinha mais tanto peso. Já para as do Sudeste, onde ainda era crucial, essa mão de obra ia sendo substituída pelo trabalho livre, imigrante ou brasileiro, em regime de colonato. Havia o temor de agitações abolicionistas e rebeliões de escravos. Com o aumento das pressões internacionais contra a escravidão e do movimento abolicionista no Brasil, o governo aprovou leis que tornavam livres os filhos de escravos e os cativos maiores de 60 anos. Em 1888, finalmente foi aprovada a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão.

Os ideais republicanos também se propagaram pelo país por essa época, principalmente no Sudeste e pelos meios liberais. A partir de 1878, os republicanos começam a ter uma atuação mais independente. Em São Paulo, o republicanismo tomou corpo aliado aos princípios federalistas, pois a intervenção de uma monarquia arcaica atravancando o desenvolvimento da província mais rica do país desagradava às elites locais.

Os republicanos brasileiros sofreram também influência do positivismo francês, que acreditava no poder absoluto da ciência e no evolucionismo. Assim, havia a crença de que a República era a evolução natural da monarquia. Essa filosofia encontrou adeptos no Exército, que naquele tempo também estava insatisfeito com a Coroa. Cansados de serem preteridos pelo imperador, os militares desobedeceram diversas vezes ao regulamento de não poderem se pronunciar através da imprensa, criando atritos com a monarquia.

Uma intervenção de Dom Pedro II em assuntos eclesiásticos, em 1872, acabou causando um incidente com a Igreja, fazendo com que esta retirasse o seu apoio à monarquia. Este foi outro fator que contribuiu para a queda do regime. Assim, em 15 de novembro de 1889, um golpe militar, fruto da aliança entre os republicanos e o Exército, instituiu a República no país, da qual foi o primeiro presidente o Marechal Deodoro da Fonseca.

Nos primeiros anos da república, Machado ainda atuava como cronista, no jornal *Gazeta de Notícias*. Nessa fase, o escritor assistiu à centralização do poder por meio de presidentes militares; a uma nova Constituição em 1891, que aboliu o Poder Moderador; aos primeiros presidentes civis, representantes das oligarquias cafeeira de São Paulo e leiteira de Minas, que se alternavam no governo; a sucessivas crises econômicas, que culminariam com a crise

mundial de 1929; ao declínio das aristocracias do Norte e Nordeste e à Guerra de Canudos (1896-97).

Já na capital da República, o início do século XX trazia o chamado progresso: saneamento, políticas públicas de saúde e grandes reformas mudavam a paisagem do Rio de Machado, destruindo aquela imagem de cidade infecta que, como veremos, tinha o Rio de Janeiro. Assim, o coração do Brasil finalmente se modernizava, adquiria uma aparência mais europeia, enquanto que os pobres eram empurrados para as áreas mais afastadas, fora das vistas das elites e dos estrangeiros que chegavam pelo porto.

3.2. Histórias do Rio

Se a crônica é um gênero urbano e profundamente ligado ao espaço da cidade, sua relação com o Rio de Janeiro tem sido especial. A ponto de Beatriz Resende afirmar que “é mais fácil haver em nossos jornais correspondentes que falem de Nova York ou de Londres do que cronistas a escreverem sobre outras cidades do país.” (1995, p. 35). Na opinião de Margarida Neves, isso tem a ver com a “importância capital” do Rio de Janeiro, centro político e cultural do país entre 1763 e 1960. Essa característica teria permitido que os termos “Brasil” e “Rio de Janeiro” fossem intercambiáveis na escrita dos cronistas. (NEVES, 1995, p. 26-27). Pode-se até afirmar que, mesmo após ter deixado de ser a capital e ter perdido a centralidade econômica para São Paulo, o Rio continua sendo o coração e o farol do Brasil.

Foi na capital fluminense que a crônica se desenvolveu e se fixou, retratando suas belezas, mazelas, modernizações e novidades. Beatriz Resende (1995) identifica o que a crônica e o Rio têm em comum: o cosmopolitismo – que propiciaria a tolerância com as diferenças e estimularia o pluralismo de pontos de vista – e o aspecto lúdico – característico de uma cidade em que diversão é coisa séria (vide o Carnaval) e onde predomina um estilo de vida hedonista.

Machado de Assis foi um cronista tão carioca e tão fluminense que nunca saiu do estado do Rio. Nasceu no Morro do Livramento, na Zona Portuária, berço da colonização da cidade, e viveu a maior parte de sua vida no Cosme Velho, bairro da Zona Sul. Em seus escritos para a imprensa, a vida política e cultural da Corte conviveu lado a lado com considerações sobre a modernidade dos bondes e a imundície das ruas. Relação de amor e ódio típica dos cronistas ciumentos de sua cidade. Nas palavras de Beatriz Resende, de “um apego contraditoriamente quase provinciano”, de “tutela da coisa pública” e de “guarda do espaço da cidade” (1995, p. 52).

Trata-se de calçar as ruas com pranchas de madeira. A idéia é por força maçônica.

Pranchas... Não conheço o sistema, nem o modo de o aplicar; mas alguma coisa me diz que é bom. Primeiramente, é um calçamento que exercerá ao mesmo tempo as funções de fiscal e irrigador. Não há poeira; não há lama. Duas economias. Depois, amortece as quedas; nem há quedas, salvo se for pau envernizado. Finalmente, previne as barricadas insurrecionais.

Última vantagem: é postura. Postura? Postura.

Todos os anos, por este tempo, a polícia tem o cuidado de mandar para a imprensa um edital declarando que serão punidos com todo o rigor os que infringirem certa postura da Câmara Municipal, que proíbe queimar fogos de artifício e soltar balões ao ar.

(...)

Já vêem os senhores que, pondo limite à nova imprudência, eu tenho esperança de que não acendam fogueiras e bombas na madeira, nem lancem balões ao ar, que vêm depois cair ao chão. Salvo se querem imitar Gomorra, o que não é cômodo, mas pode ser pitoresco.⁶

Era um tempo de mudanças, portanto, políticas, econômicas e tecnológicas, todas bem retratadas pelos cronistas. Sendo assim, se faz necessário caracterizar melhor esse Rio de Janeiro em que viveu Machado e o qual ele retratou e, posteriormente, pincelar algumas dessas mudanças da virada do século que fascinaram outros jornalistas-escritores como ele.

Começamos pelo caráter cosmopolita do Rio – e da crônica. Desde a vinda da Família Real em 1808, o Rio de Janeiro assistiu a um crescimento populacional fortemente ligado à imigração estrangeira, tornando-se, para época, uma grande cidade, bastante diversificada, um verdadeiro *melting pot*. Só de Portugal vieram 15 mil pessoas, fora os colonos de outras partes do Império Português (ALENCASTRO, 1997, p. 12). Chegam também espanhóis dos países sul-americanos, tomados por revoluções republicanas, mulheres francesas e polacas que vêm tentar a vida, e migrantes brasileiros, como mineiros e fluminenses. Entre 1850 e 1855, registram-se, no Rio, 400 espanhóis, mil italianos, alguns milhares de alemães, 5 mil franceses e 6 mil ingleses, além dos portugueses. A maioria desses estrangeiros estava empregada no comércio (MASSA, 2008, p. 92).

O caráter escravagista da nossa economia fazia com que o afluxo de africanos durante a primeira metade do século XIX fosse bastante significativo. Durante muito tempo, os negros tiveram grande peso na composição populacional da Corte. Em 1849, o Rio de Janeiro tinha a maior concentração urbana de escravos desde o fim do Império Romano: 110 mil cativos para 266 mil habitantes (ALENCASTRO, 1997, p. 24). A cidade tinha, assim, a aparência

⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de quinze dias”. *Ilustração Brasileira*, 15 de junho de 1877. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

africanizada. Com o fim do tráfico negreiro em 1850 e o crescimento da imigração portuguesa, a Corte conservou praticamente o mesmo número de habitantes até 1872 (entre 200 e 300 mil), mas a porcentagem de moradores considerada branca subiu de 40% em 1849 para 60% em 1872 (ALENCASTRO, 1997, p. 31).

A importância do porto também contribuía para o caráter cosmopolita da cidade. Era ponto quase obrigatório para embarcações provenientes do Atlântico Norte com destino ao Pacífico e vice-versa. Em 1850, é inaugurada uma linha regular de navio a vapor, ligando Liverpool, na Inglaterra, ao Rio. Na mesma década também surgem linhas que conectam o Rio a Portugal, Alemanha e França. E a corrida do ouro na Costa Oeste dos EUA tornava o porto carioca escala dos navios que se dirigiam do Leste para a Califórnia, uma vez que ainda não existia o canal do Panamá.

Além disso, metade do comércio exterior brasileiro – alicerce da economia do país – passava pelo cais fluminense. Com o fim do tráfico negreiro, parte da renda das elites antes destinada ao comércio de escravos foi desviada para o consumo de importados: jóias, cavalos, relógios e pianos, muitos pianos. Acresce, ainda, a transferência de letras de câmbio, o repatriamento de capitais, a compra de fogões norte-americanos e o contrabando de mercadorias valiosas.

A intensa importação de pianos contribuiu, inclusive, para uma europeização da música no Brasil. Dessa forma, as elites conseguiram abafar um pouco a batida dos ritmos africanos, praticamente onipresente em uma sociedade escravagista. Era moda ter um piano em casa e o costume dos saraus foi disseminado. No entanto, tocava-se principalmente a música popular da época: modinhas, polcas e, ironicamente, ritmos de influência africana, como o lundu. A ópera também se tornou muito popular na segunda metade do século XIX, e cantores italianos vinham se apresentar no Teatro Lírico e no São Pedro. Era a época das divas, que disputavam o favor do público e conquistavam a admiração de homens como Machado de Assis, que chegou a dedicar-lhes versos. A vida teatral também pulsava em casas como o Ginásio e o São Januário. Assim Machado descreve a vida cultural da época:

Para concluir estas linhas, lançadas ao papel em uma época de verdadeiro fastio para mim, menciono o fato que há muito se não repete de uma reunião, tanto ou quanto numerosa, de artistas nesta Corte. Veio do sul Arthur Napoleão; de Lisboa, o Sr. *Croner*, clarinete, que teve em Londres o sucesso mais lisonjeiro que pode ter um artista, o da consagração entusiástica da crítica refletida e competente. Acrescentem-se a esses — outros, filhos do país ou estrangeiros aqui residentes e cujos nomes todos sabem. Se há ocasião para concertos é esta. Se cada um deles der a sua festa artística pode haver muitas e relativamente esplêndidas. No Lírico o

barítono Celestino e o soprano Briol são aplaudidos pelos diletantes, e nomeadamente no *Rigoletto*, onde agradaram. Acrescente-se ainda que está a chegar uma companhia de ópera cômica francesa e terá se completado assim o capítulo da música. E eu termino este pedindo escusa da minha avidez.⁷

Até o Carnaval sofreu influência estrangeira. A partir de meados dos anos 1840, disseminaram-se os bailes de máscaras nos moldes venezianos, supostamente mais “civilizados” do que o entrudo, equivalente popular e negro – embora de origem portuguesa – que se passava nas ruas. O novo Carnaval era sediado em clubes privados, tinha entrada paga e desfiles de carros alegóricos, além dos personagens da *commedia dell’arte* Pierrô, Colombina e Arlequim.

Machado não era grande fã do “maior show da Terra” – nem de sua versão popular, nem dos bailes aristocráticos. A ponto de exclamar, em crônica de 15 de fevereiro de 1877: “O carnaval morreu, viva a quaresma!”⁸ E tecer críticas a seus entusiastas:

E com isto deixo o leitor, que arderá por ir tomar parte na folgança destes três dias, a não ser que, como eu, olhe para estas coisas de mascarados como uma distração muito vulgar. Em verdade, será preciso esperar o carnaval para ver mascarados? Há muita gente que, apenas o Sr. Laemmert publica as suas folhinhas, corre a ver em que época é o carnaval. Essa gente é de patriarcal simplicidade. O carnaval desta terra é constante, e é a política que nos oferece o espetáculo de um contínuo disfarce e *dansatriz farofia*, como dizia Filinto.⁹

Capital do Brasil, centro econômico, político e cultural da nação, o Rio era, ainda, povoado por uma intelectualidade profundamente influenciada pela França. Vale lembrar que a crônica nasceu no folhetim, importação francesa, ao lado de romances de grandes escritores daquele país. Mais tarde, já na década de 20 do século seguinte, os intelectuais cariocas passarão para a esfera de influência cultural norte-americana.

Três correntes de pensamento francesas penetram, assim, no cotidiano do Segundo Reinado: o positivismo, do qual já tratamos, o kardecismo e a homeopatia. O kardecismo era uma religião “de brancos”, que, no Brasil, incorporou o cientificismo ao transe das religiões

⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 1 de junho de 1863. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de quinze dias”. *Ilustração Brasileira*, 15 de fevereiro de 1877. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Comentários da Semana”. *Diário do Rio de Janeiro*, 2 de março de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr01.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

afro-brasileiras. Já a homeopatia era uma nova corrente da medicina, que se voltava para o uso de medicamentos naturais, como os das práticas médicas indígenas e afro-brasileiras.

A importância de capital do Brasil e o caráter formador de opinião de sua intelectualidade fizeram com que o Rio de Janeiro se tornasse um modelo para as demais regiões do país, ditando os comportamentos. Assim como a crônica, que, ao refletir sobre o que há de mais atual em seu tempo, dita a moda através das vitrines que constrói (CARDOSO, 1995). O jeito de falar carioca, por exemplo, acabou se sobrepondo aos falares regionais, que no século XIX eram quase dialetos. A partir de 1850, quando o *Jornal do Commercio* começou a publicar, na íntegra, os debates parlamentares, os discursos políticos passaram a ser padronizados segundo a “língua” carioca. O próprio Machado de Assis trabalhou como revisor desses discursos. Os regionalismos eram, dessa forma, apagados.

Beatriz Resende vê esse caráter cosmopolita da cidade do Rio de forma otimista, pois significaria uma postura de pluralismo e abertura da intelectualidade carioca, em oposição a doutrinas ultranacionalistas, como as que surgiriam no início do século XX. Diz a autora:

O ideal cosmopolita não deve ser visto apenas como vontade de copiar para estar na moda; a vocação cosmopolita da cidade do Rio de Janeiro (...) será sempre responsável não apenas por seus aspectos os mais sedutores, mas também por uma dimensão política que a torna crítica do poder, sintonizada com os aspectos mais progressistas da política, opondo-se a atitudes e comportamentos reacionários (RESENDE, 1995, p. 46)

Talvez a longo prazo, quando consideramos o que o Rio de Janeiro é hoje. Mas não podemos esquecer que a sociedade carioca do Segundo Reinado era escravagista, racista em relação ao negro, um tanto lusófoba, autoritária e antidemocrática. Mulatos e negros libertos se esforçavam para parecerem brancos: popularizaram-se as perucas de cabelos lisos e claros, bem como as cabeleiras postiças brancas aristocráticas. Por conta da miscigenação, aparecem escravos brancos ou praticamente brancos, que, no entanto, são computados pelo censo de 1872 como negros ou pardos, uma vez que eram cativos. Todas essas práticas reforçavam ainda mais a discriminação racial.

Em relação ao aspecto lúdico do Rio e da crônica, destacado por Beatriz Resende, a segunda incorporou do primeiro o culto ao prazer, a informalidade, o jeito jocoso de tratar temas sérios. A crônica contempla a cidade e divulga para o resto do país os seus assuntos: hábitos, modas, belezas, política, esporte, o uso público da rua. Resende exemplifica:

Machado foi quem, mais do que qualquer outro, contribuiu porém para que a crônica, ainda que guardando um tom de coloquialidade, próximo ao leitor – *ou prezada leitora* – passasse a se ocupar dos principais fatos da vida do país e da cidade, inclusive o mundo da política (1995, p. 41)

3.3. Frutinhas daquele tempo

O folhetim é “frutinha de nosso tempo”, escrevia Machado em 1859, em *O Espelho*.¹⁰ Também o eram a máquina de escrever (década de 1860), o cinematógrafo (1896), o fonógrafo (1889), a imprensa empresarial (a partir de 1850), a crônica (1852), a fotografia (1860), a publicidade (1880), os bondes elétricos (1894), as ferrovias (1854) e a iluminação a gás (1854) e elétrica (1887), todos popularizados no Brasil entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Inovações tecnológicas comentadas por escritores e cronistas, fosse para criticar, incorporar suas técnicas ou simplesmente registrar sua existência.

Segundo Flora Süssekind (2006), que analisa a literatura brasileira dos anos 80 do século XIX até 1920, nesse período, a modernização da sociedade brasileira e as inovações técnicas não provocaram transformações significativas nos procedimentos propriamente literários. No entanto, foi produzida uma literatura que se dividiu entre dialogar com a técnica – incorporando alguns de seus procedimentos e a velocidade dos novos tempos – negá-la – através de críticas e de um excesso de ornamentação – ou deslocar-se em relação a ela – por meio de uma temporalidade que se afastava da velocidade, de uma espacialidade que se voltava para o regionalismo, da valorização de tempos lendários ou mitológicos, do resgate do narrador que se fragmentava com a modernidade e da construção de personagens profundas em oposição às superficiais.

Para os cronistas, as novidades se constituíram em matéria-prima para seus comentários. Olavo Bilac, por exemplo, tinha certa aversão aos artefatos modernos. Chegou a apontar o cinematógrafo e o fonógrafo como responsáveis por um possível futuro afastamento dos homens de letras, como ele, das redações: “Decididamente estão contados nossos dias, ó cronistas, escritores de artigos de fundo, noticiaristas e mais operários do jornal escrito!” (BILAC *apud* SÜSSEKIND, 2006, p. 21). Surpreendentemente, o poeta chegou a escrever não só para jornais, mas também para reclames publicitários.

Há ainda autores que, como João do Rio, incorporaram a técnica a seus textos, sem, no entanto, reelaborar o modo de produção literária. Suas crônicas seguem os princípios da

¹⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Aquarelas”. *O Espelho*, 16 de outubro de 1859. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl5.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

reportagem moderna, como veremos adiante. A marca de um “tempo vertiginoso” é constante em seus escritos. Até mesmo em obras literárias, como “A correspondência de uma estação de cura” (1918), a linguagem da imprensa se faz presente.

Mas já no século XIX, os caminhos do progresso foram bem exemplificados pelos cronistas. Machado de Assis assim descreveu, em 1877, inauguração dos bondes de Santa Teresa:

Escusado é dizer que as diligências viram esta inauguração com um olhar extremamente melancólico. Alguns burros, afeitos à subida e descida do outeiro, estavam ontem lastimando este novo passo do progresso.

(...)

E esse interessante quadrúpede olhava para o *bond* com um olhar cheio de saudade e humilhação. Talvez rememorava a queda lenta do burro, expelido de toda a parte pelo vapor, como o vapor o há de ser pelo balão, e o balão pela eletricidade, a eletricidade por uma força nova, que levará de vez este grande trem do mundo até à estação terminal.¹¹

Porém, ao mesmo tempo em que se modernizavam, a Corte e o país ainda conservavam aspectos arcaicos, coloniais, atrasados, como, por exemplo, a questão sanitária. O Rio de Janeiro do século XIX é uma cidade cujo verão castiga não só pelo calor, mas também pela disseminação das doenças tropicais e pela falta de água potável. Recém-nascidos e parturientes são as principais vítimas das febres e do cólera. Só por volta de 1860 é que começa a ser construída a rede de esgotos da capital.

Apenas em 1904, com a grande reforma do prefeito Pereira Passos e a higienização do médico Oswaldo Cruz, a cidade infecta ganhará um aspecto um pouco mais “civilizado” e moderno. Mas isso às custas do afastamento dos pobres do Centro, longe das vistas aristocráticas. As opiniões dos escritores-jornalistas ficam divididas. Olavo Bilac exalta os trabalhos:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hymno jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas, condenadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Oppróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas velhas tradições, estava soluçando no soluçar d’aqueles materiaes apodrecidos que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente (BILAC *apud* NEVES, 1992, p. 87)

¹¹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de quinze dias”. *Ilustração Brasileira*, 15 de março de 1877. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

Já Lima Barreto vê as transformações da cidade, já em 1921, como uma tentativa de segregação entre classes sociais e raças, um dos principais alvos da crítica dos cronistas cariocas da atualidade: “Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a europeia e a outra a indígena.” (BARRETO *apud* NEVES, 1992, p. 89).

4. A IMPRENSA DOS LITERATOS

Este capítulo é um pouco mais curto que os outros e trata de um assunto particular dentro deste trabalho: a participação dos escritores na imprensa, da segunda metade do século XIX até o início do século XX. Vamos discutir o quanto o jornal foi um espaço de experimentação importante para aqueles autores, além de fonte de sustento e de notoriedade, ainda que para uma selecionada elite leitora.

Na primeira parte, será abordada a participação de escritores em jornais, o que acontece até os dias atuais, mostrando que literatura e jornalismo, embora separados hoje em dia, não são duas entidades dissociadas ou sem relação uma com a outra. Também nesse item apresentaremos dois autores brasileiros importantes que foram contemporâneos de Machado, embora seus precursores no campo da crônica: Francisco Otaviano e José de Alencar.

Já na segunda parte, trataremos da pesquisa de João do Rio com os escritores da virada do século, que buscava investigar se o jornalismo era bom ou mau para o desenvolvimento da literatura brasileira. A partir dessa enquete e da interpretação de Cristiane Costa, vamos reconstruir a visão que os homens de letras daquele tempo tinham sobre o trabalho na imprensa – as opiniões divergiam, e a conclusão foi um empate técnico entre quem só via vantagens, só desvantagens ou as duas coisas ao mesmo tempo.

A partir daí, reconstruiremos o momento histórico e literário do início do século XX, através do olhar de três escritores-jornalistas: Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto. Todos os três um pouco posteriores à atuação de Machado na imprensa, mas ainda seus contemporâneos.

4.1. Os escritores no jornal

Vamos então traçar um perfil dos primeiros “historiadores das coisas miúdas”, como chamou Machado de Assis aos cronistas, em texto de 1900, no jornal *Gazeta de Notícias*. Isso significa, ao mesmo tempo, falar dos homens de imprensa da época em que a crônica se estabeleceu no país, isto é, a partir da segunda metade do século XIX.

Quando a imprensa surgiu no Brasil, em 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa, o jornalismo era basicamente publicista, isto é, os periódicos defendiam claramente posições políticas. Havia a imprensa oficial, voz da monarquia, e os jornais clandestinos que defendiam outros interesses e se constituíam em verdadeiras armas nas lutas de movimentos sociais e políticos. Exemplo emblemático, do primeiro momento da imprensa brasileira – pré-Independência – é o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, editado na Inglaterra,

onde vivia este que é considerado o primeiro jornalista brasileiro, crítico ferrenho da monarquia joanina.

No entanto, na segunda metade do século XIX, a imprensa perde um pouco esse viés político, ao mesmo tempo em que começa a se industrializar, ainda que de maneira tímida. Grandes jornais da época começaram a investir pesado em estratégias para atrair leitores e assinantes. Como vimos, as seções de “variedades”, os folhetins, eram um espaço privilegiado para o alcance desse objetivo. Novos aparatos técnicos e o aumento das tiragens também foram aspectos significativos do início desse jornalismo empresarial.

Apesar de tudo isso, a mão de obra da imprensa ainda não era profissionalizada, e estava longe de ser. Então, quem eram os trabalhadores das redações – que muitas vezes começavam na tipografia – quando a imprensa já não era mais uma atividade meramente artesanal e de viés publicista? Profissionais de Direito, homens da política e, é claro, literatos. Mais comumente chamados “homens de letras”, provavelmente pela grande diversidade de campos em que atuavam, no âmbito das Letras: romances, poesia, contos, teatro, e é claro, imprensa. Vide nomes como Machado de Assis, José de Alencar e talvez principalmente Olavo Bilac, que até pela publicidade se aventurou.

Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, os escritores realmente tomaram conta das redações, principalmente como cronistas e editorialistas. Naquela época, o jornalismo brasileiro baseava-se no modelo francês, privilegiando a análise e o comentário em vez da informação, como afirma Cristiane Costa (2005, p. 41). Por isso mesmo, ainda era possível perceber a orientação política dos periódicos, embora ela não fosse mais tão explícita.

Foi só no início do século XX que entraram em campo novas modalidades jornalísticas, como a reportagem e a entrevista. A modernização da imprensa durante as primeiras décadas do novo século – com as novas tecnologias, o aumento da tiragem e a estrutura mais empresarial – seria marcada também por uma gradativa separação entre jornalismo e literatura, ficando a segunda cada vez menos presente nas páginas dos periódicos. Esse processo culminou com as reformas da década de 50 e posterior profissionalização do jornalismo. Atualmente, quando a literatura reaparece na imprensa, se restringe a um espaço bem delimitado: o caderno de cultura ou variedades.

Essa cisão entre os dois gêneros criou a ideia à qual estamos acostumados de que a literatura está ligada à ficção, enquanto que o jornalismo vincula-se ao relato objetivo dos fatos. Mas Joana Moscatelli, em seu projeto experimental de 2006, lembra que essa distinção é uma construção histórica e cultural, cuja origem remonta ao século XIX. A autora afirma:

Alinhar a narrativa jornalística a um fato real e não imaginário e distanciar o critério da verdade da literatura trata-se, portanto, de uma convenção. O jornalismo não necessariamente descreve a verdade, uma vez que é produto também do olhar humano, ou seja, assim como a literatura, trata-se de um tipo de discurso. (MOSCATELLI, 2006, p. 4)

Para Moscatelli, inclusive, essa separação não foi definitiva, já que até hoje vemos escritores frequentando as páginas dos periódicos – João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo são dois bons exemplos – assim como jornalistas que se aventuram pelo âmbito da literatura de ficção, como Arthur Dapieve e Arnaldo Bloch. Essa relação entre os dois universos – mais intensa no século XIX e mais superficial na contemporaneidade – fez com que um influenciasse o outro, como já vimos. Se a imprensa tornou a linguagem da literatura mais enxuta e mais próxima da língua falada, por outro lado tomou-lhe emprestado certos recursos discursivos nos espaços mais abertos à experimentação, como as coberturas de cultura, moda e gastronomia, os livros-reportagens e o *new journalism*, dos quais não trataremos neste trabalho. E do casamento dessas duas formas de representação do mundo nasceu, ainda, como gênero híbrido, a crônica.

Mas voltemos aos escritores-jornalistas. Quando Machado de Assis atuava na imprensa, ele era apenas um dos muitos “homens de letras” que tiravam seu sustento do jornalismo. Ao lado de Machado, alguns de seus contemporâneos também fizeram carreira como cronistas: Francisco Otaviano (1825-1889), considerado por Afrânio Coutinho como autor da primeira crônica moderna no Brasil, José de Alencar (1829-1877), também um de nossos maiores romancistas, além de nomes como Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), Quintino Bocaiúva (1836-1912) e Raul Pompéia (1863-1895). Mais jovens que Machado, e, portanto, mais atuantes quando o escritor já não estava mais na imprensa, também se destacaram como escritores-jornalistas Olavo Bilac (1865-1918), Coelho Neto (1864-1934), Lima Barreto (1881-1922) – que, no entanto, era extremamente crítico em relação à “prostituição da pena” na imprensa – e, principalmente, João do Rio (1881-1921).

Entre os contemporâneos de Machado de Assis, Francisco Otaviano e José de Alencar – na verdade seus precursores quando o assunto é crônica – sem dúvida se destacam. O primeiro cronista moderno brasileiro foi uma mistura dos tipos de profissionais que costumavam atuar na imprensa em meados do século XIX. Francisco Otaviano de Almeida Rosa foi político do partido liberal, diplomata, jornalista, jurista, poeta e... cronista. Entre 1852 e 1854, foi folhetinista do *Jornal do Commercio* – onde publicou a primeira crônica – e do *Correio Mercantil*. No primeiro, foi sucedido, ao longo da segunda metade do século, por

outros escritores, como Justiniano José da Rocha e Joaquim Manoel de Macedo, o qual publicou também duas de suas obras de ficção naquelas páginas: “Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro” e “Memórias da Rua do Ouvidor”.

Em 1854, quando assumiu a direção do *Correio Mercantil*, Otaviano foi substituído por um dos que figurariam entre os maiores nomes da literatura brasileira: José de Alencar. O folhetinista alternou textos de sua autoria com os de outro jornalista-escritor, Manuel Antônio de Almeida, sob o sugestivo título de “Páginas Menores” – vê-se que aí já existia o complexo de inferioridade da crônica. No entanto, já para esses autores, o folhetim abriu caminho para a literatura. Afinal, foi nas páginas do *Correio Mercantil*, que Alencar publicou algumas de suas primeiras obras de ficção.

A organização das crônicas de José de Alencar se assemelhava, como veremos adiante, àquela das colunas de Machado de Assis: comentários sobre os principais assuntos da semana, da política às trivialidades, sem relação evidente entre eles. Afrânio Coutinho compara o folhetim de Alencar a um “bazar asiático”, já que nele “se acumulava uma porção de assuntos diferentes, às vezes mesmo inteiramente díspares” e “a imaginação poética dava imprevistas transfigurações às coisas mais vulgares ou prosaicas, por ser isso precisamente o que se exigia de um cronista naqueles tempos” (1986, p. 125). Essa aparente desorganização dos assuntos era característica das crônicas do século XIX. Os textos mais semelhantes a reportagens ou mesmo aqueles mais ligados à ficção e de linguagem mais poética só vão se consolidar mais tarde, a partir do século XX.

4.2. O caminho para a notoriedade

Vemos que já para esses primeiros cronistas – Machado de Assis e seus contemporâneos – a atuação na imprensa representou a abertura das portas da literatura. O jornalismo foi a maneira encontrada por esses autores para conseguirem tirar seu sustento das letras. Além disso, o trabalho nos jornais conferiu-lhes notoriedade, prática e a possibilidade de publicação de seus contos, romances e poesias. A crônica se tornou, para esses escritores, um espaço de experimentação e exercício de estilo e técnicas literárias.

Mas não foram só os folhetinistas do século XIX que se viram obrigados a “alugar sua pena” – para usar a expressão de Cristiane Costa – para poderem viver das letras. Se hoje já é difícil ser escritor no Brasil, ao longo do século XX não foi muito diferente, e autores de várias gerações se dividiram entre a imprensa e a ficção e/ou convergiram suas duas faces na crônica para poderem sustentar sua arte. Mas foi entre a segunda metade do século XIX e o

início do século XX que a presença dos literatos na imprensa foi mais marcante, já que as fronteiras entre um e outro universo não eram muito bem definidas (o Modernismo, na década de 20, e a maior profissionalização do ofício de jornalista vieram provocar uma separação mais radical desses dois mundos). Uma análise do período permite entender o tipo de jornalismo que se praticava e o que ele representava para esses homens de letras, bem como a contribuição destes para o desenvolvimento da crônica no Brasil.

Inicialmente, é preciso frisar que o público leitor no Brasil entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX era muito reduzido. Em 1872, apenas 1,56% da população brasileira era alfabetizada; cinquenta anos depois, em 1920, esse índice subiu para apenas 7,49% dos brasileiros (NEVES, 1992, p. 79). Era diminuta, portanto, a parcela da população que exercia de fato a sua cidadania, não só como eleitores ou elegíveis, mas também como leitores de livros, jornais, revistas e folhas de toda espécie. Era a essa selecionada elite que eram destinados os periódicos de então. Por isso mesmo, inclusive, as tiragens eram baixas, ainda que maiores que as dos livros: não ultrapassavam 50 mil exemplares ao final do século XIX, enquanto as gazetas anglo-saxônicas já podiam chegar à casa do milhão (SANTOS, 2004, p. 3).

Na virada do século, os escritores-jornalistas tinham diferentes visões acerca de seu trabalho nos periódicos. Uns o exaltavam, uma vez que a imprensa “sustentava” o ofício de escritor e era um excelente instrumento de divulgação das obras literárias; outros o condenavam, alegando que o jornalismo corrompia a verdadeira arte, atrofiando a inspiração. Havia ainda aqueles que se dividiam entre as duas opiniões: reconheciam a necessidade do trabalho na imprensa para o próprio sustento e para conquistar a notoriedade, mas acreditavam que a obrigação de escrever mecanicamente todos os dias não deixava muito tempo para a dedicação à verdadeira literatura.

Podemos citar alguns exemplos a partir de uma enquete realizada pelo cronista João do Rio em 1904, analisada por Cristiane Costa em seu livro “Pena de Aluguel”. O escritor-jornalista fez cinco perguntas a mais de cem intelectuais do período. Entre elas, a principal, segundo o autor, era: o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária? Apenas 36 escritores responderam, sendo onze por entrevista e 25 por carta. O resultado foi publicado na *Gazeta de Notícias* entre 1904 e 1905, e mais tarde reunido no livro “O momento literário”, de 1907.

Cristiane Costa resumiu as respostas da seguinte maneira: dez acharam que o jornalismo é prejudicial à arte literária; onze acreditavam ser favorável; onze ficaram divididos, afirmando que ao mesmo tempo em que ajuda o aspirante a escritor também o atrapalha; três

não responderam à pergunta e um não a compreendeu. Nosso Machado de Assis foi um dos que se esquivaram da responsabilidade: prometeu, mas não respondeu à enquete, assim como Aluísio e Artur Azevedo e Raul Pompéia. Lima Barreto nem foi procurado.

De maneira geral, foram apontados diversos prós e contras da combinação jornalismo-literatura. Entre as vantagens, o pagamento, a divulgação, a experiência, o exercício das letras e a legitimação. No lado das desvantagens, o mercantilismo, a banalização, a esterilidade, a falta de tempo e o favorecimento. Na opinião de Cristiane Costa, a oposição mais marcante é aquela entre arte e dinheiro. Havia aqueles intelectuais que acreditavam numa arte pura, que não busca o lucro, apenas a glória; e aqueles que queriam viver de seu talento e que defendiam o jornalismo como meio de formação do escritor (COSTA, 2004, p. 26).

Entre os que eram contrários à escrita industrial estavam, por exemplo, Luís Edmundo, que disse que, na imprensa, “o desgraçado mata a sua arte a 300 mil-réis por mês”. Clóvis Beviláqua afirmou que o ofício “esgota as energias, dispersa os esforços e alimenta a superficialidade”. Já para Elísio de Carvalho o jornalismo “perverte o estilo, rebaixa a língua e relaxa a cultura.” (RIO *apud* COSTA, 2005, p. 20).

Mais ponderados, os que ficam divididos pensam nos dois lados. Pedro Couto considerava que, “como função habitual, evidentemente aniquila boas vocações literárias”, mas também se perguntava como os belos talentos poderiam aparecer e subir na carreira de escritores sem a imprensa. Padre Severiano de Resende via o jornalismo como um mal necessário para que o literato pudesse publicar seus escritos. No entanto, acreditava haver o risco de a imprensa “esterilizar o escritor”, que ficaria sem forças e sem tempo para refletir e trabalhar seus textos. (RIO *apud* COSTA, 2005, p. 20).

Já entre os defensores do jornalismo, destacou-se, na pesquisa de João do Rio, Medeiros e Albuquerque, que achava o ofício um bom exercício para uma intensa produção literária. Ele criticava os literatos “puros”, que faziam grande ideia de si mesmos, assim como de sua baixa produção intelectual. Da mesma forma, não acreditava que os escritores-jornalistas produziram mais e melhor se apenas se dedicassem à literatura ou se tivessem qualquer outro emprego. Além disso, via, na literatura e no jornalismo, fins semelhantes: “usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações.” (RIO *apud* COSTA, 2005, p. 21-22).

Como se pode ver, a mistura jornalismo-literatura era polêmica e atestava a dificuldade de se viver exclusivamente dos escritos literários. Por outro lado, a virada do século assistiu a uma grande proliferação de periódicos, uma maior profissionalização e industrialização da imprensa e à formação de uma cultura urbana e massificada. Tudo isso contribuiu para que o

jornalismo desse a jovens sem diploma e sem renda a possibilidade de viver do próprio trabalho e transformasse alguns homens de letras em verdadeiras celebridades. Olavo Bilac, João do Rio e o próprio Machado de Assis foram bons exemplos. Da mesma forma, aqueles que rechaçavam o ofício de todos os jeitos terminaram por viver e morrer no quase-anonimato. É o caso de Lima Barreto.

O contraste entre escritores como Bilac e João do Rio, de um lado, e Lima Barreto – de atuação um pouco posterior a Machado – do outro, é exemplar de como o trabalho na imprensa, no período, podia ser bem ou mal-sucedido, elevando ou derrubando a carreira de um literato. Os três foram jornalistas. Mas ao passo que os primeiros reconheciam a importância do ofício, o último sentia-se prostituindo a própria pena e não poupava críticas aos periódicos da época.

Olavo Bilac teve forte atuação política na imprensa, a ponto de ser preso por quatro meses em 1892, por ter participado da fundação do periódico antiflorianista *O Combate*. Em 1895, criou o semanário *A Cigarra*, em que era o único redator. Sua atuação como jornalista, portanto, não se restringiu à crônica. Sua pena foi até mesmo alugada para a publicidade nascente da época, quando os reclames traziam textos rimados e até sonetos. “Como se a forma fixa, consagrada, e o burilamento parnasiano valorizassem os produtos à venda.” (SÜSSEKIND, 2006, p. 63).

Bilac parecia não ter preconceito algum em relação à forma de empregar sua pena. Nem por isso deixou de ter uma produção literária considerável e de se tornar um *best-seller* da poesia parnasiana – que de industrial e massificada não tinha nada. Aliás, é claro que seu trabalho na imprensa contribuiu de maneira decisiva para que ele conquistasse toda essa notoriedade como literato. Em sua opinião, o mérito do jornalismo era a profissionalização dos homens de letras, conferindo à literatura legitimação social e transformando-a em trabalho assalariado. De fato, era o jornalismo que pagava suas contas, seus luxos, suas viagens à Europa. E mesmo com todo esse flerte com a escrita industrial, Bilac foi aclamado o “príncipe dos poetas” e assumiu a crônica da *Gazeta de Notícias*, em 1897, no lugar de ninguém menos que Machado de Assis. O poeta era, portanto, o exemplo do intelectual bem sucedido, assim como também o foi Machado.

João do Rio foi outro célebre “homem de letras” que merece aqui algumas palavras por sua importância para a crônica e para o jornalismo brasileiros. A partir de 1900, os jornais passam a se voltar para as notícias e a reportagem, em contraste com o viés mais analítico que preponderava no século anterior. Surge o noticiário esportivo e a cobertura de polícia começa a ganhar espaço. Foi nessa época, mais precisamente em 1899, que João do Rio, pseudônimo

de Paulo Barreto, começou a trabalhar na imprensa, no jornal *A Tribuna* e, logo depois, em *A Cidade do Rio*. Então com 18 anos, o jovem jornalista passou a investir na apuração – por meio de entrevistas e da ida aos locais onde se passavam os fatos – para relatar e comentar os acontecimentos. Ao desenvolver seu lado repórter, foi inovador por ser o primeiro a misturar crônica e reportagem.

O escritor atuou em diversos periódicos, como *O Dia*, *O Paíz*, *Correio Mercantil*, *Gazeta de Notícias*, *A Noite*, *Kosmos*. Seus pseudônimos também foram inúmeros. Transitou pelos diferentes meios sociais, do *bas fond* à alta sociedade, e contou suas histórias em séries de reportagens que se tornaram livros, como “As religiões do Rio” e “A alma encantadora das ruas”. Também levou as técnicas jornalísticas para o campo da ficção, em “A correspondência de uma estação de cura”. Da bibliografia que reuniu para se candidatar à Academia Brasileira de Letras – para a qual foi eleito na terceira tentativa –, boa parte veio das páginas de periódicos. Sua popularidade atingiu tamanha proporção que seu enterro, em 1921, foi acompanhado por cerca de 100 mil pessoas.

Na opinião de Cristiane Costa, João do Rio teve um jeito especial de narrar as rápidas transformações de sua época. Se nas crônicas de Alencar e Machado o tempo já andava depressa, no texto de João do Rio ele se mostrava “vertiginoso, elétrico, cinematográfico” (2005, p. 44).

Em contraste com essas celebridades da literatura, que se reuniam na Livraria Garnier, os “poetas mortos de fome” rejeitavam e criticavam o trabalho na imprensa, que acreditavam ser uma espécie de prostituição, e preferiam crer numa arte pura e desinteressada. Eram, em geral, simbolistas, decadentistas e últimos românticos, nem todos poetas como Cruz e Souza, mas também romancistas, como Lima Barreto. Muitos chegaram a cultivar uma carreira jornalística, frustrada, porém. Reuniam-se em outra livraria, a de Madame Fauchon, para criticar “a vulgaridade dos naturalistas, o pernosticismo dos parnasianos e Machado de Assis.” (COSTA, 2005, p. 58). Não o jovem Machado, cuja visão trabalharemos mais adiante, mas sim um Machado mais maduro e já consagrado nos meios intelectuais. Lima Barreto, aliás, não o poupava em nada. Considerava o autor de “Brás Cubas” omissos, sem autenticidade ou naturalidade. Achava que ele escrevia com medo, escondendo seus verdadeiros sentimentos (COSTA, 2005, p. 58).

Barreto foi um daqueles gênios incompreendidos, cuja importância foi resgatada apenas anos após sua morte. Como descreve Cristiane Costa, “mulato culto, sem diploma e sem dinheiro, foi parar fatalmente no jornalismo” (2005, p. 59). Mas não encontrou reconhecimento em vida – nem nos livros, nem nas redações. Passou pelo *Correio da Manhã*

– onde publicou a série de reportagens “Os subterrâneos do Morro do Castelo” (1905) – por *A Época*, pela revista *Fon-fon*, pelo *Correio da Noite*, pelo jornal *O País* e pelas publicações de esquerda *A Voz do Trabalhador*, onde assinava como Isaías Caminha, e *O Debate*, entre outros periódicos. Chegou a fundar uma revista, a *Floreal*, que durou apenas quatro números.

Apesar da necessidade de alugar – ou prostituir – a própria pena, Barreto atacava a imprensa em seus romances, exibindo os bastidores do jornalismo e o sistema de compadrio. Em “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909) – que só conseguiu editar em Lisboa em troca de abrir mão dos direitos autorais – criticava veladamente o jornal *Correio da Manhã*, do qual foi banido. A recepção da imprensa à obra, quando manifestada, não foi nada positiva. Esse perfil crítico e inconformado com as “panelinhas” dos mundos do jornalismo e da literatura dificultou bastante a publicação de seus livros. A frustração de Lima Barreto com o jogo de forças da vida intelectual no Brasil acabou se convertendo em alcoolismo, miséria e surtos psicóticos que o levaram a internações no Hospital Nacional de Alienados, onde morreu em 1922.

5. MACHADO DE ASSIS – JORNALISTA E CRONISTA

Chegamos agora ao momento de analisar mais detidamente a crônica de Machado de Assis. Como já foi dito no início deste trabalho, a intenção é nos atermos ao elementos metalinguísticos dos textos machadianos, isto é, sua visão sobre a crônica e o folhetim, sua opinião acerca do próprio jornal e do ofício de jornalista e a exposição dos bastidores de seu trabalho, por meio das conversas com o leitor. O *corpus* selecionado foram as crônicas dos vinte primeiros anos de produção (entre 1858 e 1878), marcados pelo entusiasmo da mocidade frente ao novo mundo que se abria – na imprensa, na literatura e na vida.

Para compreender melhor a visão de Machado de Assis sobre seu ofício, bem como os artifícios de que ele se utilizava nos textos, precisamos descrever sua trajetória jornalística. Em 1858, como revisor de provas do *Correio Mercantil*, Machado começou um trabalho de mais de 40 anos dedicados a inúmeras atividades na imprensa, com algumas interrupções.

Como cronista, o jovem Machado começou no jornal *O Espelho*, onde publicou alguns textos avulsos, mas de grande importância para este trabalho. Em seguida, colaborou para o *Diário do Rio de Janeiro* em dois momentos diferentes (1861-1862 e 1864-1865), na *Semana Ilustrada* (1860-1875), em *O Futuro* (1862), na *Imprensa Acadêmica* (1864), na *Ilustração Brasileira* (1876-1878) e em *O Cruzeiro* (1878) – só para citar os primeiros 20 anos, que serão abordados aqui. Na fase da maturidade, quando já era romancista de renome, Machado deteve o cobiçado cargo de cronista no jornal *Gazeta de Notícias*, entre 1883 e 1900, com as colunas “Balas de Estalo”, “A+B”, “Gazeta de Holanda”, “Bons Dias” e “A Semana”.

Após recuperar essa biografia e caracterizar brevemente o estilo do cronista Machado de Assis, vamos nos deter na sua própria discussão acerca de seu ofício. Primeiro, sua visão do jornalismo e da literatura a partir dos textos “O passado, o presente e o futuro da literatura”, publicado no jornal *A Marmota* em 1858, “O jornal e o livro”, publicado no *Correio Mercantil* em 1859, e “A reforma pelo jornal”, publicado em *O Espelho*, no mesmo ano.

Em seguida, será a vez de sua visão sobre o papel do cronista, da própria crônica e do espaço que esse texto ocupa no jornal, o folhetim. Para isso, selecionamos trechos de sua obra da juventude que caracteriza e define, de maneira divertida, essas “novas entidades”. Outro aspecto que abordaremos será a maneira como o autor expõe o método de produção da crônica e do próprio jornalismo: a pressão do tempo, a limitação do espaço, a costura entre os diferentes assuntos e a eventual dificuldade de saber sobre o que escrever. Tudo isso no inconfundível bate-papo com o leitor.

5.1. A vida e a imprensa

Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, atual Zona Portuária do Rio de Janeiro. Seu pai era mulato, e sua mãe, portuguesa dos Açores, ambos agregados na chácara de uma rica proprietária, onde o pequeno Joaquim Maria passou os primeiros anos de sua vida. Ainda criança, perdeu a irmã mais nova, que morreu de sarampo, e pouco depois sua madrinha, a dona da chácara, vítima do mesmo mal. Três anos mais tarde, a tuberculose também levou sua mãe, quando ele tinha apenas dez anos.

Apesar da origem humilde, os pais de Machado de Assis pertenciam a um estrato social que poderia ser considerado médio para a época. Seu pai era pintor na construção civil e sua mãe exercia atividades tradicionalmente reservadas às mulheres, talvez costura ou ensino, como supõe Jean-Michel Massa, biógrafo do escritor, na falta de fontes seguras para reconstituir este período da vida do escritor. O fato é que o pequeno Machado pôde estudar e ter uma vida modesta, mas não paupérrima. Para Massa, sua infância não foi um momento infeliz de sua vida, apesar das perdas, pois o menino teria sido muito amado e não teria passado por dificuldades significativas.

Em 1854, com quinze anos, Machado se mudou com o pai e a madrastra para São Cristóvão, bairro imperial, e começou a trabalhar e a se dedicar às letras. Conheceu o editor Francisco de Paula Brito, mulato de origem humilde que aprendeu o ofício de tipógrafo na Tipografia Nacional e, em 1831, se estabeleceu como editor por conta própria. Apesar dos poucos recursos, Paula Brito editou diversas publicações, inclusive a longa *Marmota Fluminense*, jornal bissemanal de seis páginas, que abria farto espaço para os novos talentos da literatura. Foi lá que Machado publicou seu primeiro poema, em 1855. Outros se seguiram a este, assim como textos reflexivos e críticos em prosa – como “O passado, o presente e o futuro da literatura” – até pelo menos 1858.

Paula Brito era fervoroso admirador de Dom Pedro II, de quem obteve ajuda financeira diversas vezes. A fim de estimular o desenvolvimento da literatura brasileira e descobrir novos talentos, o editor fundou uma sociedade literária, a Petalógica, que se reunia regularmente nos fundos de sua loja. Lá, jovens aspirantes a literatos, entre os quais Machado de Assis, discutiam principalmente literatura, mas também política, eventos sociais, música, teatro, assuntos da cidade. Os contatos de Machado com outros escritores, alguns mais experientes, abriu-lhe as portas para o mundo – principalmente o literário e o jornalístico.

Na Petalógica e na *Marmota*, Machado de Assis teve contato com diversos escritores que o ajudaram em sua trajetória. Formou, com Caetano Filgueiras, Casimiro de Abreu, José Joaquim Cândido de Macedo Júnior (Macedinho) e Gonçalves Braga, o Grupo dos Cinco, que

se reunia também fora da Petalógica. Conheceu ainda Francisco Otaviano, Francisco Eleutério de Sousa e Augusto Emílio Zaluar.

Não foi a literatura, no entanto, a primeira fonte de sustento do aspirante a escritor. Mesmo porque sua colaboração na *Marmota* era voluntária. Segundo Jean-Michel Massa, é difícil precisar o ofício de Machado naquela época, mas ele provavelmente atuou no comércio. Alguns autores acreditam que foi entre 1856 e 1858 que ele foi aprendiz na Tipografia Nacional, então dirigida por Manuel Antônio de Almeida. Teria entrado “pela porta de serviço do jornalismo” (COSTA, 2005, p. 28). Mas nenhum documento comprova este vínculo. Em 1858, Machado tornou-se revisor de provas no jornal de Francisco Otaviano, o *Correio Mercantil*. O periódico fazia frente ao *Jornal do Commercio*, folha tradicional fundada em 1827, sem linha política definida e que evitava se opor ao governo.

No *Correio*, Machado teve ainda a oportunidade de publicar poesias, além de ensaios como “O jornal e o livro”. Na época, fez amizade com grandes nomes liberais do jornalismo e da literatura, como Quintino Bocaiúva, Manuel Antônio de Almeida e o publicista republicano francês Ribeyrolles, que exerceu grande influência no jovem Machado. Foi nesse momento de sua vida que decidiu abraçar o jornalismo como profissão, para tentar se lançar ao mundo literário. Como afirmou Massa, “seu destino estava traçado. Mais do que poeta, romancista ou dramaturgo, seria um ‘homem de letras’, no sentido em que passou a compreendê-lo.” (2009, p. 196).

Também em 1858, paralelamente às suas contribuições na *Marmota* e no *Correio*, Machado colaborou com o jornal *O Paraíba*, fundado no ano anterior pelo escritor português Augusto Emílio Zaluar. Neste veículo bissemanal, publicado em Petrópolis, Machado teria assinado, no geral, poesias, tendo escrito talvez uma ou outra nota anônima. Mas foi no *Paraíba* que o jovem jornalista escreveu seu primeiro texto de viés político, elemento característico de boa parte de sua produção como cronista posteriormente. O jornal tinha perfil liberal, discutia problemas locais e gerais e visava ao desenvolvimento da região. Terminou em 1859, por dificuldades financeiras, como muitos outros periódicos da época.

Entre 1855 e 1858, as contribuições de Machado para a imprensa eram episódicas e englobavam poesias, textos em prosa (participou até de discussões) e traduções. Mas, em 1859, veio sua primeira oportunidade de ser colaborador regular de uma publicação: o jornal *O Espelho*, fundado por Francisco Eleutério de Sousa, um dos colaboradores da *Marmota Fluminense*. Todos os redatores provinham, aliás, desse mesmo jornal: além de Machado, Casimiro de Abreu, Moreira de Azevedo e Macedinho, por exemplo. Repetindo a fórmula da *Marmota*, *O Espelho* foi marcado pela impetuosidade desses jovens literatos. A efêmera

publicação que durou apenas um trimestre (19 números) – por falta de assinaturas – trazia, assim como a sua “parenta”, romances, artigos sobre literatura, indústria, artes e poesia, mas tinha como novidade uma seção de moda, que visava ao público feminino.

Durante seu período de colaboração em *O Espelho*, Machado praticamente não publicou na *Marmota*. Assinou textos em todos os números do novo jornal. Suas poesias já deixavam transparecer seu engajamento político, de perfil democrata, e sua influência francesa. Também teve espaço para escrever sobre uma de suas maiores paixões: o teatro. A coluna de crítica teatral era sua. *O Espelho* foi o primeiro periódico a dedicar realmente um espaço nobre para a arte dramática, antes mal vista por ser das mais críticas à sociedade. Mas agora o teatro se tornava popular, merecendo um lugar de honra no jornal.

Foi n’*O Espelho* também que Machado assinou suas primeiras crônicas – as “Aquarelas”. E o texto “A reforma pelo jornal”, no qual reafirmava a importância da nova mídia e o valor do trabalho jornalístico. Seus textos já transpareciam, além do viés político, a cultura livresca que começava a formar (já então usava referências da literatura clássica), bem como seu hábito de conversar com o leitor.

Apesar da vida curta, *O Espelho* foi uma grande experiência para o aspirante a escritor. Ali, tornou-se um jornalista “semiprofissional”, com verdadeiras responsabilidades, colaboração regular, ainda que não ou mal remunerada. Três meses após a morte do jornal, Machado foi convidado por um de seus conhecidos do *Correio Mercantil*, Quintino Bocaiúva, para integrar a equipe do *Diário do Rio de Janeiro*. Nesse importante jornal liberal, nosso escritor assinou duas colunas de crônicas e se tornou jornalista de verdade – com salário.

O *Diário* nascera em 1821, como jornal popular e barato, de notícias locais e anúncios. José de Alencar publicou nele diversos romances e foi seu redator-chefe em 1856. Em 1859, o jornal desapareceu para retornar, renovado, em 1860, então dirigido por Saldanha Marinho, com auxílio de Henrique Cezar Muzzio e Quintino Bocaiúva. Em sua nova fase, assumiu-se como periódico liberal e militante político, com vistas às eleições para a Câmara, que se aproximavam. Conta o próprio Machado, em texto de 1898, que antes de convidá-lo a integrar a redação do *Diário*, Bocaiúva sondou-lhe as opiniões políticas:

Nesse ano entrara eu para a imprensa. Uma noite, como saíssemos do Teatro Ginásio, Quintino Bocaiúva e eu fomos tomar chá. (...) conversamos primeiramente de letras, e pouco depois de política, matéria introduzida por ele, o que me espantou bastante, não era usual nas nossas práticas. Nem é exato dizer que conversamos de política, eu antes respondia às perguntas que Bocaiúva me ia fazendo, como se quisesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teria fixas nem determinadas; mas,

quaisquer que fossem, creio que as exprimi na proporção e com a precisão apenas adequadas ao que ele me ia oferecer.¹²

Depois do fracasso d'*O Espelho*, Machado voltou a publicar na *Marmota*, assim como seus companheiros. Mas, pouco depois, mudou-se para o *Diário*. Lá, começou por funções modestas, como a redação de anúncios e pequenas notícias. Também escreveu uma série de artigos sob pseudônimo coletivo, isto é, ele e outros redatores se revezavam nos comentários da semana, compartilhando o mesmo pseudônimo. Suas primeiras colaborações assinadas foram três crônicas teatrais, sem regularidade, na seção “Revista Dramática”.

Em outubro de 1861, Machado de Assis passou a escrever a crônica semanal, que por vezes substituiu o próprio editorial. O fato demonstra que a coluna “Comentários da Semana” dava mesmo a tendência do jornal. Até maio de 1862, o autor – que por essa época era setorista do Senado – redigiu 21 textos, com uma regularidade quase perfeita, centrados principalmente na política miúda. Mas outros temas também povoaram, em menor escala, aquelas páginas: assuntos da cidade, política internacional, *fait divers* e comentários acerca da vida cultural da Corte (música, literatura e teatro), que davam ao folhetim, por vezes, um tom de ensaio crítico. Também foi nessa coluna que Machado chorou a morte de alguns amigos próximos, como Casimiro de Abreu, Manuel Antônio de Almeida e Paula Brito.

Os primeiros textos eram mais atrelados ao noticiário, mas aos poucos a crônica foi ganhando independência: os assuntos passaram a ser escolhidos livremente por Machado, e sua visão política foi se tornando cada vez mais clara e agressiva. Criaram-se polêmicas e o jovem jornalista se viu obrigado a rebater as críticas em sua coluna. Embora, como afirma Lúcia Granja (2000), Machado sempre tenha usado artifícios retóricos para “acompanhar” a opinião pública em seus textos, seus comentários eram bastante ácidos e irônicos, atingindo diretamente aqueles a quem eram endereçados.

Como atesta Jean-Michel Massa, “pela primeira vez a política absorveu o essencial da atividade do jornalista em que se transformou o jovem escritor Machado de Assis” (2009, p. 255). Assim, não se justificaria a crença no “tédio à controvérsia” e no “absenteísmo político” que caracterizariam a obra machadiana, segundo alguns estudiosos. Machado defendeu suas opiniões – liberais, e por vezes, democráticas – principalmente durante a juventude.

No entanto, o engajamento político pode ter custado, ao jovem cronista, sua tribuna. Seus comentários foram se tornando ainda mais radicais do que a linha de seu jornal. O autor desferia críticas a ministros, aos discursos vazios dos senadores, a atos do governo e a outros

¹² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “O Velho Senado”. *Revista Brasileira*, 1898. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac24.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

periódicos, chegando mesmo a apontar erros de colunistas do próprio *Diário*. Revelava também profunda decepção com a política. No início de 1862, as crônicas foram se tornando cada vez mais espaçadas, até desaparecerem por completo em 5 de maio daquele ano.

Embora não haja provas acerca dos motivos que levaram ao fim dos “Comentários da Semana”, Jean-Michel Massa acredita que pode ter sido um ato de censura do próprio *Diário* ao radicalismo político do jovem Machado. O cronista teria se tornado por demais revolucionário, o que poderia frustrar as ambições políticas dos liberais. Massa lembra que, no decurso de 1862, as portas do governo se abriam para esse grupo político, o que culminaria com a “conciliação” entre estes e os conservadores. “Talvez fosse preciso mostrar que o grupo não era composto de exaltados, mas sim de homens capazes de assumir o poder” (MASSA, 2009, p. 268). Com isso, Machado “foi para a geladeira”: perdeu os comentários assinados e voltou a desempenhar apenas funções internas e a redigir o noticiário.

Entre 1860 e 1862, além de trabalhar no *Diário*, Machado também se dedicou mais ao teatro, uma de suas grandes paixões. Traduziu peças e iniciou sua produção própria em 1861, com a obra “Desencantos”. A perda da tribuna na imprensa também não o afastou da crônica. De setembro até o fim de 1862, colaborou para a efêmera revista *O Futuro*, fundada pelo português Faustino Xavier de Novaes, irmão de sua futura esposa, Carolina.

O Futuro era uma revista literária, dedicada às produções brasileiras e portuguesas. Durou só 20 números (até julho de 1863) e teve como colaboradores nomes como José de Alencar, Quintino Bocaiúva, Henrique Cezar Muzzio, Augusto Emílio Zaluar, Joaquim Manuel de Macedo e Francisco Otaviano. Machado publicou ali contos, poesias e crônicas; estas assumiram um ar de decepção e hesitação, um cuidado para não “ultrapassar os limites”. Em sua primeira crônica, ele conversa com sua pena e a aconselha a não se meter em controvérsias, após anunciar que ela tinha o aspecto triste ao ser retirada da gaveta:

Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas.¹³

De fato, o comentário político tornou-se mais raro, sua visão, mais pessimista, suas opiniões, mais comedidas, expressando assim um certo “tédio à controvérsia” de fato. Os

¹³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 15 de setembro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

textos eram mais voltados para a literatura, o teatro e a música, o que também se relacionava ao perfil da revista. Sua hesitação só começou a desaparecer no fim de 1862, quando manifestou opiniões sobre um incidente diplomático entre Brasil e Inglaterra e sobre a dominação da Polônia pelos russos. O comentário político voltou a ganhar brilho, embora agora sob maior reflexão e de forma mais serena.

A partir da segunda metade de 1862, Machado de Assis começou a frequentar saraus literários, que se tornavam comuns e agitavam a vida social e artística da Corte. Embora muitos estudiosos acreditem que o escritor fosse gago e introvertido, essas duas características não o impediram de figurar nesses círculos e até mesmo ler seus poemas em voz alta. Os saraus eram uma boa maneira de tornar as obras e seus autores conhecidos. Música e teatro também faziam parte dos eventos.

Em 1864, Machado se dividiu entre várias funções literárias. Além de publicar sua primeira coletânea de poesias, “Crisálidas”, voltou a seu posto de cronista no *Diário do Rio de Janeiro* e foi correspondente, no Rio, do jornal *Imprensa Acadêmica*, de São Paulo, publicação estudantil da Faculdade de Direito. Os redatores, muitos ainda adolescentes, “agitavam” a então pacata capital paulista e se dedicavam à literatura e à imprensa. O periódico era bissemanal, de perfil liberal, literário e “moderadamente” antiescravagista; afinal, os estudantes eram filhos de fazendeiros. Por meio das crônicas de Machado – dez no total – ficava-se sabendo de como ia a vida na Corte. A política, interna ou externa, estava sempre em primeiro plano. Acontecimentos como a crise econômica da época, o casamento das filhas do imperador e a guerra civil no Uruguai figuraram naquelas páginas.

Já no *Diário do Rio de Janeiro*, onde trabalhava anonimamente desde o fim dos “Comentários da Semana”, Machado assumiu novamente a crônica semanal, desta vez na coluna “Ao Acaso”, que durou até maio de 1865. Seu diretor, Saldanha Marinho, passou para a oposição ativa ao governo e lutou pela presidência da Câmara. Desfrutava, então, de grande influência política.

A nova coluna de Machado de Assis começou com tom mais brando, permitindo-se apenas “evocar” o que ele chamava de “política amena”. No entanto, de sua pena escapavam comentários mais fortes, os quais o autor censurava apenas quando o assunto se esgotava. Criticava os discursos vazios dos políticos, a distribuição de cargos públicos sem critérios e até mesmo o imperador. Sempre de maneira irônica e cômica, por vezes ridicularizando.

Machado assumia, nesta coluna, um viés nacionalista, defendendo a posição do Brasil em relação a questões de política externa. Pôs-se ao lado de Dom Pedro II por ter se dirigido com frieza à França quando esta invade o México e foi a favor do início da Guerra do

Paraguai, criticando o fracasso da diplomacia. No plano econômico, censurou as hesitações do Ministério Furtado, quando da crise comercial de outubro de 1864 que se seguiu à falência do Banco Souto; no religioso, atacou o semanário católico *A Cruz*, “escola de intolerância religiosa” (MASSA, 2009, p. 406). Seu liberalismo se tornava cada vez mais radical, e seus ataques não faziam distinção de partidos.

No entanto, a vida teatral e a lírica povoavam suas páginas assiduamente, assim como a crítica literária e transcrições de poemas e extratos de livros. Além disso, Machado dedicava-se também aos assuntos da cidade: o Carnaval, as exposições, a chuva e o bom tempo. Por vezes, sem assunto, escolhia um tema qualquer ou lembrava a infância e a adolescência. Jean-Michel Massa atribui grande importância a esta série de crônicas, que teriam sido “um cadinho onde se forjou um escritor” (2009, p. 411):

O tema era apenas um pretexto. O cronista definia seu assunto e se tornava escritor. Tais páginas eram ainda raras, mas o fato de que existiam fornece a prova de que Machado de Assis se tornou ‘machadiano’ antes de 1881, data consagrada pela crítica. É a filosofia desenganada mas também sorridente, a ironia mas também o humor, a retórica mas também o jogo inimitável do saber-escrever, o raciocínio mas também a inteligência aguda (MASSA, 2009, p. 410).

Em 1865, as crônicas machadianas cessaram. Neste ano, o escritor recebeu uma promoção no *Diário*, tomando as responsabilidades dos demais redatores, que foram assumir outros compromissos: o diretor, Saldanha Marinho, foi nomeado presidente de província em Minas Gerais, acompanhado por Múzzio como seu ajudante; já Bocaiúva foi para uma missão nos Estados Unidos. Machado ficou na redação, executando ordens de Marinho e tocando o jornal. Desempenhou múltiplas funções, de redator a administrador.

Neste momento, seu lado de literato e crítico começou a falar mais forte. Entre 1865 e 1867, Machado foi membro da sociedade literária Arcádia Fluminense, fez algumas traduções, assinou artigos de crítica literária e chegou a iniciar uma nova série de crônicas no *Diário*, as “Cartas Fluminenses”, que se resumiram, no entanto, a dois textos. A vida de jornalista consumia-lhe todo o tempo e privava-lhe de sua liberdade. A quantidade de responsabilidades, o pouco reconhecimento e atritos internos fizeram nascer no escritor o desejo de deixar o jornal. Em abril de 1867 surgiu a oportunidade: uma vaga no *Diário Oficial*. Machado deixou, assim, a folha liberal pelo cargo público, e pôde, a partir de então, dedicar-se mais à literatura.

No entanto, o autor continuou com suas colaborações com a imprensa. Entre 1864 e 1869, publicou contos no *Jornal das Famílias*, folha literária do editor Garnier; e entre 1860 e 1875, colaborou com o periódico humorístico *Semana Ilustrada*, como cronista. Porém, neste último, não é possível identificar seus textos, pois eles foram publicados em colunas de autoria coletiva, as “Crônicas do Dr. Semana” e as “Badaladas”. Embora alguns editores tenham tentado atribuir a Machado a autoria de alguns desses textos, ainda não houve um estudo que pudesse precisá-la.

A *Semana Ilustrada* era uma publicação peculiar. Fundada pelo desenhista alemão Henrique Fleuiss, teve vida bastante longa para a época – durou de 1860 a 1875 – e recebeu a colaboração de “quem era importante na imprensa”, como afirmou Massa (2009, p. 529). Quando surgiu, era única no Rio, trazendo ilustrações engraçadas e caricaturais, além de um personagem-símbolo, o Dr. Semana, pseudônimo usado por vários de seus colaboradores.

Foi como funcionário que Machado de Assis passou o resto de sua vida. Se, no início de sua carreira, o jornalismo garantiu-lhe o sustento, a partir dos 28 anos, o serviço público foi sua principal fonte de renda. Embora, nesta época, já fosse conhecido e respeitado, e sua carreira como escritor e crítico tenha mais tarde deslanchado, Machado nunca viveu exclusivamente de literatura. Talvez tenha sido justamente o conforto material do funcionalismo o fator que permitiu a dedicação à sua verdadeira vocação.

Por ajuda de amigos liberais, Machado foi nomeado ajudante de diretor no *Diário Oficial*, folha do governo fundada em 1862, mas que também trazia seções comerciais, matérias de jornais provincianos ou estrangeiros, anúncios e “variedades”. Segundo Jean-Michel Massa, Machado provavelmente balanceava as seções, revia os textos oficiais e selecionava os artigos de outros periódicos que deveriam ser publicados, tudo isso sob controle oficial, o que obviamente limitava sua ação política.

Ali o escritor permaneceu até 1873, quando foi nomeado primeiro-oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Em 1880, foi designado Oficial de Gabinete do Ministério da Agricultura; em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio, também na Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; já em 1892, passou a ser Diretor-Geral da Viação da Secretaria de Indústria, Viação e Obras Públicas, cargo que ocupou até sua morte, em 1908.

Machado talvez tenha tido que conviver, durante todos esses anos de serviço público, com algumas figuras que teria criticado em suas crônicas. Mas o fato é que, apesar de todos os inimigos que fez em sua juventude, em 1867 já era um literato reconhecido, embora ainda não houvesse publicado nenhuma grande obra. Foi agraciado, por exemplo, com o título de

cavaleiro da Ordem da Rosa, condecoração conferida pelo Estado aos civis que tivessem prestado serviço relevante nas letras. Em 1888, o escritor foi elevado à dignidade de oficial. Já em 1868, Machado foi considerado, por José de Alencar como “primeiro crítico brasileiro”. A partir de então, foi cada vez mais solicitado como crítico e prefaciador de obras literárias.

Machado de Assis casou-se com a portuguesa Carolina Xavier de Novais, irmã de seu amigo Faustino, em 1869. A partir de então, passou a experimentar uma vida um pouco mais estável, embora com dificuldades financeiras no início. Afastou-se um pouco da vida política, ao que talvez lhe obrigasse o cargo oficial que agora ocupava; seus amigos liberais abraçavam o republicanismo, mas o escritor não caminhava no mesmo sentido. Preferiu dedicar-se às traduções e ao preparo de obras literárias. Publicou “Falenas” (poesias) e “Contos Fluminenses” em 1870, e “Ressurreição”, seu primeiro romance, em 1872. A estas obras, se seguiu intensa produção literária: “Histórias da meia-noite” (contos) em 1873; “A mão e a luva” (romance) em 1874; e “Americanas” (poesia) em 1875.

Sua presença na imprensa agora se dá mais intensamente pela publicação de obras estritamente literárias do que pelas crônicas: os romances “Helena”, no jornal *O Globo*, em 1876; e “Iaiá Garcia”, em *O Cruzeiro*, em 1878. De 1876 a 1878, foi cronista na revista *Ilustração Brasileira* com duas séries: “História de Quinze Dias” e “História dos Trinta Dias”. De junho a setembro deste último ano, também publicou em *O Cruzeiro* a série de crônicas “Notas Semanais”. Em seguida, segue para Friburgo de licença por motivo de doença, só retornando à Corte em março do ano seguinte.

Neste ponto terminará nossa análise da crônica de Machado de Assis. Mas vale a pena lembrarmos aqui alguns marcos de sua carreira que se seguiram ao impetuoso e crítico cronista da mocidade. Poderíamos considerar que o ano de 1879 marca o início de sua maturidade, não só por ter completado 40 anos de idade, mas também pela publicação de dois de seus maiores romances: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba”. Ambos – quem diria! – na imprensa. O primeiro na *Revista Brasileira*, onde passou a colaborar a partir de 1895, e o segundo na revista *A Estação*.

Em 1880, Machado já é um escritor bastante prestigiado. Sua comédia “Tu, só tu, puro amor...” é representada no teatro Dom Pedro II em razão das comemorações do tricentenário de Luís de Camões. Dois anos depois, publica “Papéis Avulsos” – onde se encontra o célebre conto “O Alienista” – e sai de novo de licença para se tratar por três meses. Suas próximas publicações literárias seriam os livros de contos “Histórias sem data” (1884) e “Várias Histórias” (1896); a coletânea de contos, ensaios e teatro “Páginas Recolhidas” (1899); a

coletânea “Poesias Completas” (1901), que traz trabalhos anteriores e inéditos; e os romances “Dom Casmurro” (1899), “Esaú e Jacó” (1904) e “Memorial de Aires” (1908).

Em relação à vida na imprensa, Machado também goza de grande sucesso. Em 1883, conquista o cobiçado posto de cronista do grande jornal *Gazeta de Notícias*, onde publicou, até 1900, suas cinco mais famosas e bem acabadas séries de crônicas: “Balas de Estalo”, “A+B”, “Gazeta de Holanda”, “Bons Dias!” e “A Semana”. Quando finalmente deixou a carreira de jornalista em 1900, passou seu posto para ninguém menos que Olavo Bilac. Este havia sido seu colega de fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1897. Machado foi o primeiro presidente (por mais de dez anos) dessa nova sociedade literária, em moldes europeus, muito mais imponente do que a singela Petalógica de Paula Brito, e que reunia os medalhões da literatura brasileira da virada do século.

Suas crônicas dessa fase da vida são como versões mais amadurecidas daquelas da juventude. Persiste o bate-papo com o leitor. O público também permanece o mesmo, até depois da mudança de regime político: a elite letrada, em oposição ao mar de analfabetos do restante da nação. A política – a nacional e a internacional – continua sendo o assunto principal, com o mesmo tom irônico e humorístico, mas com uma visão menos radical, talvez mais ponderada. Persistem as críticas a parlamentares e as discussões em torno dos assuntos em voga, como a abolição da escravatura e a república. Aparecem as mortes dos amigos e um certo desânimo frente à falta de manifestação popular. Depois da proclamação do regime republicano, as eleições ainda não contavam com efetiva participação do povo.

No início do século XX, tanto a saúde de Machado quanto a de Carolina já estavam debilitadas. Em 1904, os dois deixam sua residência no Cosme Velho, onde moravam há vinte anos, e seguem para Friburgo, devido à doença de Carolina. Ela morreu dias antes de completarem 35 anos de casamento, sem terem tido filhos. Em 1908, novamente em licença para tratamento de saúde, Machado de Assis também falece, aos 69 anos, mesma idade de sua esposa, quatro anos mais velha que ele.

Em seus estudos sobre a crônica de Machado, Lúcia Granja vê esse tipo de texto como uma espécie de “laboratório de ficção” do escritor (2000, p. 27). Embora dotada de importância própria, a crônica seria, acima de tudo, o espaço em que Machado exercitava uma série de recursos literários que, mais tarde, utilizaria em seus romances e contos mais célebres, e que constituiriam seu estilo. Ou seja, teria sido a preparação para as obras dos gêneros “maiores”.

Assim, Granja analisa as características da crônica machadiana, desenvolvidas posteriormente em seus romances: a maneira de fazer a transição entre os assuntos – fosse por

meio da construção de nexos entre eles, fosse de maneira brusca; o interesse primordial pela política, mas também pelas artes; o tom de conversa com o leitor; a ironia e a sátira, exercitadas nas críticas aos políticos; frequente citação a obras das tradições literária e teatral como forma de construir as ironias, o que muitas vezes tornava o texto um tanto obscuro para o leitor; e o “narrador que se eleva” (2000, p. 27), posto que se reveste de autoridade para ser o “senhor do texto”, guiar o leitor, exercitando assim a metalinguagem. A autora destaca ainda a preocupação machadiana de “construir a textualidade” da crônica, por meio da exploração de recursos ficcionais, como a criação de diálogos e a dramatização de situações. Estes conferem ao texto valor literário e fazem com que ele não se desatualize, por mais que o assunto fique “velho”.

Na análise que se segue, vamos discutir a visão de Machado sobre o jornalismo e a crônica, além das características apontadas por Lúcia Granja que se relacionam diretamente à questão da metalinguagem na crônica machadiana. A saber, o diálogo com o leitor e a supremacia do narrador.

5.2. O jovem frente ao novo

Entre os primeiros textos em prosa publicados na imprensa por Machado de Assis estão três ensaios que se destacam por refletir a opinião do jovem escritor acerca do jornalismo, então a grande novidade da sua vida. Aliás, tendo em vista que os primeiros jornais só apareceram no Brasil em 1808, a imprensa periódica era uma das grandes novidades daquele tempo. Assim, neste tópico, analisaremos a visão que Machado tinha sobre o papel dessa “nova tecnologia” nos textos “O passado, o presente e o futuro da literatura”, “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”.

Publicado na *Marmota Fluminense* em 1858, “O passado, o presente e o futuro da literatura” foi um de seus primeiros textos na imprensa. Não é exatamente sobre jornalismo, mas sim uma reflexão sobre a literatura brasileira e seus desafios. No passado, durante a época colonial, nossa produção literária teria se resumido à poesia e teria sofrido uma quase total submissão aos padrões europeus, com raras exceções indianistas. Com a independência, se abria a possibilidade da criação de uma arte própria, brasileira. Mas, na opinião de Machado, o indianismo não seria a saída, pois não seriam os indígenas o “povo brasileiro”. “O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?”, questionava-se o autor.

No entanto, Machado acreditava que, mesmo com as condições políticas de produzir uma literatura independente, o Brasil ainda estava longe de alcançar o feito. O jovem autor critica a quase inexistência de grandes romances ou peças teatrais e propõe maneiras para o desenvolvimento desses gêneros. Rejeita as influências portuguesa, francesa e da cultura indígena. Expõe as dificuldades que a literatura ainda encontraria pela frente. E define um papel para o “homem de letras”, incluindo o jornalismo no conjunto das formas literárias, ainda que admitisse que o gênero periódico era bem diferente dos demais.

No estado atual das coisas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. Esta verdade, exceto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária.¹⁴

Jean-Michel Massa também caracterizou a visão do então iniciante escritor acerca dessa função do literato na sociedade. Este não deveria ser mais somente um poeta, mas também “desempenhar um papel nacional nos três domínios que se abrem à sua ação: o romance, o teatro, o jornalismo.” (MASSA, 2008, p. 180). Parecia que Machado já estava mostrando as suas próprias intenções. Ou ainda, na opinião de Massa, “acreditava, ou antes, esperava que graças a um ‘golpe de estado literário’ um escritor deveria poder viver de sua pena, se a nação lhe garantisse receber direitos autorais suficientes.” (MASSA, 2008, p. 180).

Nesse texto, Machado deixa pouco espaço para o jornalismo, em relação aos três outros gêneros literários maiores, a poesia, o romance e o teatro. Mas aos poucos, o jovem foi abraçando o novo ofício na imprensa periódica. A maior difusão de ideias e a velocidade do novo veículo entusiasmaram Machado, que em 1859 escreveu duas crônicas em que dava um lugar de honra ao jornal.

Essa empolgação foi bem definida pelo próprio autor, em “O jornal e o livro”, publicado no *Correio Mercantil*: “Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações, são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é o fogo, a confiança, o futuro, o progresso.”¹⁵ Se a mocidade era o progresso,

¹⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “O passado, o presente e o futuro da literatura”. *Marmota Fluminense*, 9 e 23 de abril de 1858. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/critica/mact01.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

¹⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “O jornal e o livro”. *Correio Mercantil*, 10 e 12 de janeiro de 1859. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/cronica/macr13.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2008.

também o eram as novidades: a república, a democracia, o liberalismo e o meio de expressão dessas ideias: “O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração.”¹⁶

Machado de Assis se revela, portanto, um jovem liberal, democrata, e até mesmo republicano, em pleno auge do Segundo Império. Essas ideias progressistas eram fruto da influência do publicista francês Eugène Pelletan, um dos principais nomes do pensamento republicano de seu país. Pensamento este que girava em torno da crença em um progresso contínuo e incessante.

Nesse texto, Machado parte do pressuposto de que a humanidade busca meios de perpetuar a ideia e, por isso, surgiu a arte. Das pinturas rupestres e tábuas de pedra, a expressão se volta para a arquitetura e, depois, para a literatura. Não que um meio aniquile o outro, mas, em sua opinião, o seguinte se sobrepõe ao anterior como principal forma de propagação do pensamento das sociedades. Assim, o momento agora é de ponderar se o jornal não é esse novo meio, que vem ocupar o lugar da literatura. Em sua reflexão, o escritor levanta ousadas questões: “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?”¹⁷

Se a imprensa, por meio do livro, já era “o fogo do céu que um novo Prometeu roubara”¹⁸, o jornal

é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.
O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução.¹⁹

Dessa forma, Machado crê que o jornal é realmente superior ao livro e admite a possibilidade de aniquilamento do segundo pelo primeiro. Essa superioridade se deveria a três razões: à maior velocidade da imprensa periódica, que permitiria que a expressão das opiniões, em um debate, fosse quase instantânea; à maior penetração dos periódicos, mais baratos, com tiragens mais numerosas e, assim, mais amplamente difundidos, permitindo uma melhor propagação das ideias; e à maior possibilidade de acesso aos homens de letras, o que tornaria o jornal mais democrático.

“Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra? Não repugno admiti-lo”²⁰, diz

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

Machado. Mas essa nulificação não seria total; significaria apenas que o jornal tomaria o lugar do livro em matéria de importância na sociedade. De fato, o livro não desapareceu, nem a literatura deixou de se desenvolver; mas não se pode negar que sua posição passou para outro plano em relação ao jornal e aos outros meios de comunicação que surgiram posteriormente.

Apesar desse entusiasmo, Machado se defendia de idolatria pelo jornal. Algumas de suas ideias poderiam nos parecer, no entanto, um pouco ingênuas, como a crença no caráter democrático da imprensa: “Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência.”²¹ Esse pensamento pode parecer exagerado, afinal sabemos que se expressar pelos meios de comunicação era, e continua sendo, para poucos. Mas devemos relativizar essa opinião, que sofria, como já vimos, grande influência do pensamento republicano francês, de crença no progresso incessante da humanidade. A adesão ao idealismo liberal levou o jovem a afirmar até mesmo que “O jornal (...) é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana.”²²

Mas “O jornal e o livro” não foi só uma crônica na qual Machado expôs uma espécie de encantamento exagerado em relação à imprensa periódica. Para alguém como ele, o jornal era realmente mais do que um livro; mas por um motivo mais prático e realista. Talvez a principal contribuição desse texto para o jornalismo e a literatura brasileiros tenha sido o fato de, nele, Machado apontar para a possibilidade de profissionalização do homem de letras por meio da imprensa. O jornal trazia ao escritor a chance real de viver de sua pena, além de criar um novo tipo de profissional, o jornalista.

O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: “Trabalha! Vive pela ideia e cumpre a lei da criação!” Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto? Não! Graças a Deus! Esse mau uso caiu com o dogma junto do absolutismo. O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta; só o talento ficaria servo?²³

Em outubro de 1859, Machado publicou outra crônica, dessa vez em *O Espelho*, novamente dedicada a discutir o papel da imprensa periódica. Em “A reforma pelo jornal”, o

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

jovem literato manifesta mais uma vez seu entusiasmo: “Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal.”²⁴ E relaciona seu caráter reformista, ou mesmo revolucionário, à nova posição que conferia à palavra.

É a ela que Machado atribui o poder de mudança: “o verbo é a origem de todas as reformas.”²⁵ Mas o jornal daria à palavra um poder ainda maior, tornando-a mais eficiente: “Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão.”²⁶ Mais uma vez aparece aí a crença no caráter democrático do jornal, em seu potencial de discussão e de propagação de ideias. A ponto de o autor afirmar, com certo idealismo, que a imprensa poderia ser um veículo revolucionário principalmente para as classes mais baixas da sociedade.

5.3. Crônica e metalinguagem

Machado de Assis não foi apenas um mestre da crônica; também soube descrever o gênero e seu próprio ofício como ninguém. Logo em sua primeira série assinada, as “Aquarelas” de *O Espelho*, traçou o perfil do folhetinista. E afirmou: “O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo.”²⁷ Comparou-o a um colibri, que “salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.”²⁸ Um narrador que comenta todos os assuntos sem se aprofundar em nenhum. Todos querem estar de bem com ele; buscam sua estima e se preocupam com sua crítica.

Aqui já fica clara a visão de Machado sobre o cronista: ele é o senhor de sua coluna, juiz dos acontecimentos da semana; ele louva ou destrói o alvo de seu comentário, moldando a opinião pública. Nessa crônica de 1859, vê-se o germe do “narrador que se eleva”, nos dizeres de Lúcia Granja (2000). O jovem Machado já tem noção do poder de sua pena.

No mesmo texto, o autor compara o folhetim a um “confeito literário”. Um espaço nobre, recheado de “variedades”, destinadas a agradar o “paladar” do leitor do jornal. Seu conteúdo diferenciado – que trazia do mais “útil” comentário político ao mais “frívolo”

²⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “A reforma pelo jornal”. *O Espelho*, 23 de outubro de 1859. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/cronica/macrl4.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

²⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Aquarelas”. *O Espelho*, 30 de outubro de 1859. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl5.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

²⁸ Idem.

entretenimento literário – se constituía em uma verdadeira iguaria. Originária da França, tentava tomar gosto e tempero nacionais. Mas o jovem folhetinista então pensava que “escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.”²⁹

Na crônica “O empregado público aposentado”, outra “aquarela” da mesma série, Machado de Assis ressalta o caráter de novidade do folhetim. O personagem-alvo das críticas do autor é descrito como uma espécie de múmia que rejeita tudo que é novo, moderno. Devora o jornal por inteiro, mas, “se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.”³⁰

Como vimos no início deste trabalho, muitos escritores e estudiosos descreveram a crônica como um gênero menor, ligado ao trivial, ao cotidiano, ao que há de mais simples na vida. Machado também teve esse hábito, e muitas vezes atribuiu a esse tipo de texto um ar de “coisa sem importância”, pequena diante dos grandes acontecimentos e obras literárias. “Que monta uma página de crônica, no meio das preocupações de momento? Que valor poderia ter um minuete no meio de uma batalha, ou uma estrofe de Florian entre dois cantos da *Iliada*?”³¹, questiona-se o autor em *O Cruzeiro*, em 1878.

No entanto, como já foi discutido anteriormente, essa pequenez da crônica é aparente. O cronista tem o talento de tratar de forma leve assuntos mais sérios, de maneira a levar o leitor a uma reflexão mais profunda. Machado admitia isso. A ponto de afirmar que “o folhetim requer um ar brincão e galhofeiro, ainda tratando de coisas sérias.”³² E que os cronistas são os “beneditinos da história mínima e cavouqueiros da expressão oportuna.”³³ Ou ainda, “contadores de histórias”, o que não é o mesmo que ser historiador:

Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de um historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias

²⁹ Idem.

³⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Aquarelas”. *O Espelho*, 16 de outubro de 1859. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr15.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³¹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas semanais”. *O Cruzeiro*, 4 de agosto de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas semanais”. *O Cruzeiro*, 7 de julho de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas semanais”. *O Cruzeiro*, 4 de agosto de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.³⁴

Sobre seu ofício de cronista da semana, chegou a escrever uma espécie de passo a passo:

Vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentarmos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança!) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter ideias, em primeiro lugar; em segundo lugar expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, a apresentá-las à expectativa pública. A observação há de ser exata, afacécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e de Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da Rua do Ouvidor...³⁵

Muitas foram as definições que Machado criou para a crônica. Na revista *O Futuro*, em 1862, caracterizou-a como um rápido bate-papo entre folhetinista e leitor. “Durarão as nossas palestras o intervalo de um charuto”³⁶, afirma o narrador. E dirige-se a seu “interlocutor”: “Olhe o leitor: à roda da mesa estão jornais de todo o império; sentemo-nos como bons e pacíficos amigos.”³⁷ Por vezes, essa conversa podia ser por demais trivial ou sem assunto, a ponto de o autor colocar a crônica abaixo do nível do leitor. “A razão não é outra senão a de ser o leitor um homem que se respeita, ama o belo, possui costumes elegantes: conseqüentemente, não tem orelhas para crônicas, nem outras coisas ínfimas.”³⁸

Mas foi talvez em 1877 que o escritor apresentou a mais divertida caracterização da crônica, inventando para ela uma origem curiosa. Machado inicia o texto utilizando a metalinguagem, recurso que já tinha o hábito de empregar naquela época:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas

³⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de Quinze Dias”. *Ilustração Brasileira*, 15 de março de 1877. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas semanais”. *O Cruzeiro*, 4 de agosto de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 30 de novembro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

³⁷ Idem.

³⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de Quinze Dias”. *Ilustração Brasileira*, 1 de agosto de 1876. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica.³⁹

Ou seja, para começar o papo com o leitor, basta falar de qualquer banalidade, como o clima e a temperatura. Assim, como na citação em francês, “o gelo é quebrado”. Afinal, esse é um método tão antigo quanto o próprio calor: “antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas”⁴⁰, diz Machado, para em seguida expor sua opinião acerca das origens do gênero:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia.

Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.⁴¹

Mais curioso do que essa parábola, que reduz a trivialidade da crônica a uma conversa entre vizinhas, é o fato de que o autor escreveu tudo isso justamente para falar sobre o calor que fazia no Rio de Janeiro naquela quinzena de novembro de 1877.

Como podemos perceber, a metalinguagem na crônica machadiana caminha de mãos dadas com uma espécie de conversa com o leitor. Esse recurso permitia que o narrador pudesse se justificar, comentar os próprios comentários, fazer transições bruscas ou coerentes entre os assuntos dos quais falava ou até mesmo expor os desafios de sua profissão – como a falta de assunto, de tempo ou de espaço para escrever. Assim, o cronista podia dotar sua coluna de todas as explicações e autorreferências necessárias; levava o leitor pela mão, guiava-o por entre seus comentários e, assim, tornava-se o senhor de seu texto.

Às vezes, esse diálogo com o leitor podia se dar de forma indireta, por meio de explicações que o cronista julgava necessárias para que o público compreendesse seus escritos. Um bom exemplo é a abertura da última crônica da primeira série do *Diário do Rio de Janeiro*, publicada após um período de silêncio de pouco mais de um mês. Poderia, talvez, ser encarada como uma despedida, se é que Machado já sabia que aquele texto seria o derradeiro. De qualquer forma, o autor justifica a interrupção da coluna sem entrar em

³⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História de Quinze Dias”. *Ilustração Brasileira*, 1 de novembro de 1877. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac07.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

detalhes sobre os motivos; no entanto, em seu desabafo, deixa claro que foram motivos externos. Posicionou-se não como narrador, mas como o homem por trás da pena.

Era um dia...

Não vou bem. Este exórdio dá ares de história de criança, dessas que eu ouvia à ama, nos tempos que lá vão, quando não me lembrava de fazer comentários, e nem de ser lido pelos leitores do *Diário*, no pressuposto de que sou lido.

O que queria dizer, e que tão mal encabecei, era que havia há tempos uma revista semanal que eu publicava mais ou menos regularmente, comentando inocentemente as ocorrências notáveis de cada semana.

Motivos que não entram no domínio do público interromperam por longas semanas a publicação dos *Comentários* que de novo tomo e por cuja regularidade respondo.

Não será por falta de matéria que eu deixe de comunicar todas as segundas-feiras ao meu leitor a opinião que formar acerca das ocorrências da semana anterior.

Abrangendo o escrito, por sua natureza, muitos fatos e muitas esferas, à política cabe a parte principal, atenta à gravidade da situação e das questões a ventilar.⁴²

Diálogos indiretos também aparecem no início de cada série nova de crônicas, onde Machado expõe a proposta da coluna. Mais uma vez, é uma necessidade de esclarecer o leitor acerca dos textos que irá acompanhar. É o caso da introdução à primeira crônica de *O Futuro*, iniciada meses após o autor ter perdido seu espaço fixo no *Diário*: “Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia a minha pena de cronista. A coitadinha estava com um ar triste, e pareceu-me vê-la articular por entre os bicos, uma tímida exprobração.”⁴³ Para Jean-Michel Massa, tal citação pode ser o sinal de que o escritor fora retirado de sua função de folhetinista por ter sido crítico demais, o que não é comprovado. No mesmo texto de setembro de 1862, o cronista aconselha sua pena a não polemizar:

— Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti; vê se me dispensas as tuas melhores ideias e as tuas mais bonitas palavras; vais escrever nas páginas do *Futuro*. Olha para que te guardei! Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada .

...Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos

⁴² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Comentários da Semana”. *Diário do Rio de Janeiro*, 5 de maio de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac01.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁴³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 15 de setembro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. Seja entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-tintas tão necessárias aos melhores efeitos da pintura. Comenta os fatos com reserva, louva ou censura, como te ditar a consciência, sem cair na exageração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz.⁴⁴

Sua mágoa aos poucos foi se esvaindo, e o tom crítico retornando a seus textos. Apesar disso, procurou ser contido ao resumir o programa de sua segunda coluna no *Diário*, tribuna que recuperou em 1864:

Vinha aqui muito a pêlo fazer uma divagação política a respeito dos ministérios que fazem programa, mesmo quando não têm nenhum, e dos programas que ainda estão a espera de ministérios. Mas eu não quero de modo algum tornar demasiado séria a fisionomia destes escritos. Só farei exceção para os assuntos de política amena. (MACHADO DE ASSIS *apud* MASSA, p. 389, 2008)

Curiosamente, toda vez que Machado saía do campo da política amena – e entrava no da política “torva” – tratava de se desculpar e mudar de assunto; mas apenas depois de já ter tecido seus ácidos comentários, praticamente esgotando o tema. Censurava-se: “Aí vou eu entrando pelo terreno da política torva e sanhuda. Ponto final ao acidente”⁴⁵; ou ainda: “O terreno é inclinado, e a nossa pena vai naturalmente curando da política torva, de que juramos abster-nos.”⁴⁶

No jornal *O Cruzeiro*, também se apresentou na abertura das “Notas Semanais”, onde assinava como Eleazar, desculpando-se por talvez não estar à altura de seu antecessor Carlos de Laet, de pseudônimo Sic.

Há heranças onerosas. ELEAZAR substituiu SIC, cuja pena, aliás, lhe não deram, e consequentemente não lhe deram os labores de estilo, a graça ática, e aquele pico e sabor, que são a alma da crônica. A crônica não se contenta da boa vontade; não se contenta sequer do talento; é-lhe precisa uma aptidão especial e rara, que ninguém melhor possui, nem em maior grau, do que o meu eminente antecessor.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Ao Acaso”. *Diário do Rio de Janeiro*, 10 de outubro de 1864.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac04.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁴⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Ao Acaso”. *Diário do Rio de Janeiro*, 15 de março de 1865.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac04.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

Onerosa e perigosa é a herança; mas eu cedo à necessidade da ocasião. Resta que me torne digno, não direi do aplauso, mas da tolerância dos leitores.⁴⁷

O diálogo com o leitor tomava forma mais direta quando o cronista expunha os desafios de seu ofício. Em suas colunas, Machado reclamou de todos os problemas que atormentam os jornalistas até hoje: a falta de assunto, de tempo para escrever e de espaço para desenvolver suas ideias.

A falta de assunto não deveria ser uma tormenta assim tão grande para um cronista. Afinal, a graça da crônica está no jeito de contar, e não no conteúdo. Mas tendo que comentar as principais notícias da semana, o cronista podia ficar aflito diante do espaço a ser preenchido quando não houvesse muita novidade: “Rir-se-ão os Fluminenses se me virem atravessar (perdoa-me, ó Diógenes!), não as ruas da cidade, mas os dias da semana, com uma lanterna na mão à cata de notícia?”⁴⁸

Por vezes o assunto não chega a faltar, mas, por algum motivo, o cronista se furta a comentá-lo. Enfoca futilidades e foge da notícia mais importante da semana. Talvez por temer nova perseguição a seu estilo crítico e contestador. Seja como for, revela o procedimento da imprensa quando esta não quer comentar um fato ou quando a novidade simplesmente não existe: “Em mingua de notícias forja-se, ou enche-se papel com qualquer coisa.”⁴⁹

Também podia acontecer de o assunto surgir no meio da crônica e o autor se agarrar a ele com todas as forças. Em texto de 1863, diz Machado: “e a bancarrota de um negociante de grosso trato não o afligirá mais do que me aflige o desfalque de assunto para a crônica desta quinzena.”⁵⁰ Para, em seguida, afirmar: “Afligia-me, devo eu dizer; porque a boa estrela que preside aos meus dias, sempre me depara, na hora arriscada, com uma tábua de salvação.”⁵¹ Esta consistia na possibilidade de, em breve, ser publicado um novo romance, o que se torna ponto inicial para o escritor fazer divagações sobre literatura.

Jean-Michel Massa comenta o talento de Machado para falar até da falta de assunto: “Quando nenhum acontecimento lhe fornecia alimento à verve ou não conseguia despertar-lhe

⁴⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas Semanais”. *O Cruzeiro*, 2 de junho de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁴⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Comentários da Semana”. *Diário do Rio de Janeiro*, 14 de janeiro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac01.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁴⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 15 de dezembro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 1 de maio de 1863. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/mac03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵¹ Idem.

a sua lembrança, improvisava sobre o próprio fundo. O tema era apenas um pretexto. O cronista definia seu assunto e se tornava escritor” (2008, p. 410).

Da mesma forma, outras vicissitudes do jornalismo povoavam suas páginas e expunham os bastidores da confecção do jornal. Como a falta de atualidade das notícias caso a periodicidade fosse muito espaçada. Quando suas “Histórias de Quinze Dias” se tornaram “dos Trinta Dias”, na *Ilustração Brasileira*, o cronista reclamou:

O caso é que quando eu cronicava a quinzena tinha diante de mim (ou antes atrás) um espaço limitado, um período cujos limites podia ver com estes olhos que a terra me há de comer. Mas trinta dias! É quase uma eternidade, é pouco menos de um século. Quem se lembra de coisas que sucederam há quatro semanas? Que atenção pode sustentar-se diante de tão vasto período? (...)

Um fato de trinta dias pertence à história, não à crônica.⁵²

A vontade de manter a atualidade da crônica era tanta que podia levar Machado a inserir um *post-scriptum*, depois do texto já composto na tipografia:

Post-scriptum.

Já estava composta a crônica quando recebi uma notícia que me confirma nas esperanças de uma boa estação musical. Arthur Napoleão oficiou a comissão da subscrição nacional oferecendo os seus serviços em favor dos fins para que ela se organizou. Naturalmente a oferta será aceita. É inútil repetir o que em todos desperta este ato cavalheiresco do distinto pianista.⁵³

Outro alvo de lamentações do cronista era a falta de espaço e de tempo para se deter mais longamente nos assuntos: “Era esta a ocasião de dizer muita coisa do talento do Mesquita, de suas finas qualidades de compositor, se o espaço me não estivesse a fugir debaixo da pena, e o tempo no mostrador do relógio.”⁵⁴ Ou a necessidade de urgência para escrever, com vistas à hora do fechamento da edição, desafio já existente naquela época:

Se fosse possível a comunicação de todos os fatos da vida particular entre o cronista e os seus leitores, eu daria aqui as razões do desconchavo em que vai esta revista, escrita a todo o vapor, para satisfazer às exigências da

⁵² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “História dos Trinta Dias”. *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr08.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 1 de junho de 1863. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas Semanais”. *O Cruzeiro*, 1 de setembro de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

tipografia. Mas, como não é possível, limito-me a lamentar que assim seja e a despedir-me para a quinzena seguinte.⁵⁵

A pressa típica do jornalismo serve, ainda, como elemento de comparação em comentário de 1878, no qual Machado critica as frequentes dissoluções dos gabinetes ministeriais do Segundo Império:

O grande laboratório era a Rua do Ouvidor. Nessa rua faz-se e desfaz-se mais depressa um gabinete do que eu escrevo esta crônica, e notem que é escrita a todo o pano. Já me aconteceu ter notícia de três ministérios, entre a Rua da Quitanda e o ponto dos *bonds*. Afinal, só há um ministério verdadeiro: é o que deveras se organiza, e eu ainda não o vi, à hora em que escrevo estas linhas.⁵⁶

O corre-corre também era uma “desculpa” perfeita para mudar de assunto repentinamente, sem construir a coesão do texto: “Tenho fugido hoje ao enlace dos períodos e faço nos assuntos verdadeiros saltos mortais. Assim o pede a hora.”⁵⁷

Aliás, usar o bate-papo com o leitor e a metalinguagem para fazer a transição entre os assuntos da semana não era raro. As transições bruscas, “saltos mortais”, como descreveu Machado, eram talvez as mais comuns. Podiam respeitar uma organização coerente, como na *Ilustração Brasileira* e no jornal *O Cruzeiro*, onde os tópicos eram separados por números romanos, como se fossem capítulos; ou então serem acompanhadas de uma boa explicação:

A classe militar perdeu um membro valente; chora-o por isso; e, com ela, o país de quem foi um honrado servidor.

.....
Esta linha de pontinhos indica que vou passar a assuntos de outro gênero, para os quais não achei uma transição capaz.⁵⁸

Mas a mudança de assunto podia também ser suave. Machado frequentemente buscava construir nexos entre as diferentes novidades da semana, de forma a organizar seus comentários de forma lógica: “Passemos a outros fatos, leitor, e sem sair do Maranhão. Meu

⁵⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 30 de novembro de 1862. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Notas Semanais”. *O Cruzeiro*, 1 de janeiro de 1878. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 15 de junho de 1863. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁵⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Comentários da Semana”. *Diário do Rio de Janeiro*, 1 de dezembro de 1861. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr01.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

dever de cronista só me deixa tocar nos assuntos”⁵⁹, explicava-se ao comentar dois diferentes tópicos ligados àquele estado do Nordeste. Em algumas ocasiões, no entanto, essas ligações eram um tanto forçadas; ou melhor, forjadas pelo autor: “Nada mais natural do que passar de uma casa de livros a uma casa de óculos. É com os óculos que muita gente lê os livros”⁶⁰, escreveu para aproximar o comentário sobre a editora Garnier de suas divagações sobre uma ótica da Rua do Hospício.

O diálogo com o leitor e a metalinguagem fizeram de Machado de Assis o senhor de suas crônicas. O narrador surge aí como o todo-poderoso, que seleciona os assuntos e escolhe a ordem em que eles aparecem; que se justifica e se explica o tempo todo; que lamenta a falta de espaço, de tempo e de assunto; que traça o caminho que o leitor deve percorrer e, de certa forma, a opinião que deve ter sobre os comentários da semana.

Lúcia Granja (2000) acrescenta a essa lista outras características que fazem do narrador machadiano um aparente “sabe-tudo”: a construção de diálogos imaginários com o leitor, nos quais as respostas são aquelas que o autor deseja ouvir; o desenvolvimento da ironia; a citação de obras da literatura clássica, o que alçava a ínfima crônica a um patamar mais alto, pelo menos momentaneamente; e a construção da textualidade da crônica, utilizando recursos como a paródia, a criação ficcional e a sátira. Tudo isso confere autoridade ao narrador, que tem, aparentemente, o total controle do texto, tornando-se sua figura central – o narrador se eleva.

⁵⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Crônicas”. *O Futuro*, 1 de julho de 1863. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

⁶⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Ao Acaso”. *Diário do Rio de Janeiro*, 20 de junho de 1864. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr04.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

6. CONCLUSÃO

A crônica de Machado de Assis pode não ser a face mais brilhante de sua produção no campo das letras, mas foi de grande importância para o jornalismo e a literatura, bem como para sua própria obra, ou mesmo para a cultura brasileira em si. Isso porque Machado foi um dos pais da crônica moderna brasileira, um dos fundadores da face tipicamente nacional do gênero. Isto é, Machado foi um dos autores que consagrou a crônica no cenário de nosso jornalismo e de nossa literatura.

O estilo que Machado desenvolveu em suas crônicas acabou conferindo ao gênero algumas daquelas características que discutimos no segundo capítulo deste trabalho. Por exemplo, o tom de bate-papo com o leitor, o humor e a ironia, um narrador que opina sobre as coisas mais triviais, e o costume de discutir sobre o que é esse texto capaz de unir o “sério” e o “frívolo”. Como vimos, esses atributos se perpetuaram em crônicas de todas as épocas posteriores, tornando-se próprios do gênero.

Machado de Assis também foi um dos que contribuiu para que a crônica ganhasse um papel de destaque na literatura brasileira, apesar das tentativas de caracterizar o gênero como “menor” em relação ao cânone literário. Não podemos esquecer que foi na crônica que Machado praticou sua escrita e desenvolveu seu estilo; e também foi por meio dela que se tornou conhecido. Não podemos desconsiderar, ainda, o fato de que Machado foi um escritor aclamado ainda em vida, e que a notoriedade que conquistou no jornalismo ajudou-o bastante quando decidiu se tornar romancista. Mesmo depois da fama, no entanto, Machado continuou a assinar suas colunas na imprensa. Assim, podemos perceber que a crônica contou, durante cerca de 40 anos, com um adepto de peso.

A imprensa foi o espaço de consagração da crônica e de muitos jornalistas-escritores como Machado de Assis. O autor nutriu uma longa carreira jornalística mostrando que o folhetim realmente tinha vindo para ficar. Também foi a prova viva de que o jornalismo foi a primeira chance real a aparecer no Brasil para os literatos que queriam viver da própria pena. Os homens de letras se profissionalizaram por meio da imprensa e, por outro lado, sua presença nas redações também contribuiu para a posterior profissionalização do próprio jornalismo, ainda que não seja possível considerá-lo literatura.

Já a crônica se aproveitou de seu suporte para se popularizar. Ainda que nos tempos de Machado o público leitor fosse muito reduzido, os jornais já eram mais acessíveis – em relação aos livros, seus preços eram menores e suas tiragens, mais numerosas. Com o crescimento da taxa de alfabetização e a industrialização da imprensa, a disseminação da crônica tornou-se ainda maior. No fim das contas, seu hibridismo entre literatura e jornalismo,

sua efemeridade e seu tamanho reduzido acabaram contribuindo para que a crônica fosse facilmente transportada para os lares brasileiros, ficando bem próxima de seus leitores.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar o quanto a crônica foi importante para a carreira literária de Machado de Assis. E não só por tê-lo tornado conhecido ou pelo trabalho nas redações tê-lo introduzido em meios sociais de literatos. Mas também por tê-lo ajudado a desenvolver seu estilo. Um estilo que o escritor aprimoraria mais tarde, em seus contos e, principalmente, em seus romances.

É difícil precisar se a metalinguagem, o humor, a ironia e o tom de bate-papo com o leitor são características que Machado conferiu à crônica ou se esta as emprestou ao autor. Como vimos, a escrita machadiana contribuiu para que a crônica tomasse sua forma moderna. Mas todos os recursos literários que Machado trabalhou em sua produção na imprensa acabaram sendo transpostos para as páginas de sua obra ficcional.

É por isso que Lúcia Granja defende que a crônica foi, para Machado, um “laboratório de ficção” (2000, p.16). Nela, o autor pôde utilizar uma série de elementos que, mais tarde, constituíram seu estilo. Uns acabaram absorvidos pela própria crônica, como a conversa com o leitor, a metalinguagem, o humor e a ironia; outros foram únicos, machadianos, como o “narrador que se eleva” – uma espécie de todo-poderoso que induz o público a ler como lhe convém.

O folhetim machadiano desenvolveu o comentário político tendo sempre em vista a necessidade de despertar o interesse do leitor para a narração das notícias já bastante conhecidas. Essas, então, não eram exatamente as novidades da semana, o que fez com que o desenvolvimento de um estilo próprio de comentar as notícias se constituísse na novidade do texto da crônica. É inegável, dessa forma, a importância da experiência jornalística de Machado de Assis para o desenvolvimento de seu estilo próprio de escrita – recheado de citações, alusões, ironias, referências a serem decifradas pela argúcia do leitor (GRANJA, 2000, p. 126).

Para Jean-Michel Massa, o exercício semanal de escrever crônicas teve também o mérito de obrigar o jovem escritor a praticar:

(...) dessa passagem pela imprensa militante restou para o escritor, pelo menos, essa facilidade em redigir num instante um artigo e em seguida um conto. O volume considerável de sua obra literária se explica também por essa facilidade adquirida no trabalho cotidiano (2009, p. 265).

Mas a crônica foi mais que um laboratório ou um trampolim para o jovem escritor. Tornou-se um veículo de suas opiniões, a partir do qual podemos reconstituir sua visão acerca

de uma época. Estudioso da obra machadiana, John Gledson defende a importância própria da produção folhetinesca de Machado para que possamos, inclusive, reconstruir uma parte da História do Brasil (GLEDSON, 2003). Já Sonia Brayner afirma que “na obra machadiana, a crônica não é um texto-ponte para os outros, os ‘maiores’. É a solda capaz de unir uma produção de mais de quarenta anos” (1992, p. 416).

Ao analisarmos a obra de um grande escritor como Machado de Assis e entendermos melhor como ele via seu próprio ofício, evidenciamos a importância da crônica para o jornalismo e a literatura brasileiros. A crônica machadiana se constitui em um campo vasto de pesquisa, que ainda não recebeu atenção semelhante àquela dada às obras mais conhecidas do escritor. Da mesma forma, ainda há espaço para desbravar a crônica de outros grandes cronistas/escritores/jornalistas nessa imprensa em que literatura e jornalismo se misturam.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A. (org.) *História da vida privada no Brasil – Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. v. 2. 1. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1997. p. 12-93.

BARROSO, Carla Miranda. *A crônica jornalística*. UFRJ, Escola de Comunicação, 1996.

BRAYNER, Sonia Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 137-151.

COSTA, Cristiane. Introdução. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. 1. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p. 11-18.

_____ Momento jornalístico 1900. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. 1. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p. 38-45.

_____ Momento literário 1900. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. 1. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p. 19-37.

_____ O papel e a pena de um escritor jornalista. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. 1. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p. 46-68.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). Ensaio e crônica. *A literatura no Brasil. Teatro. Conto. Crônica. A nova literatura*. v. 6. Rio de Janeiro : José Olympio, 1986. p. 117-136.

GLEDSON, John. Bons dias!. *Machado de Assis: Ficção e história*. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2003. p. 135-185.

_____. Introdução. *Machado de Assis: Ficção e história*. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2003. p. 21-35.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. São Paulo : Fapesp; Mercado das Letras, 2001. 167 p.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. A Regência (1831-1840). *História do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Atual, 1996. p. 135-142.

_____. Declínio do Império (1870-1889). *História do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Atual, 1996. p. 196-208.

_____. O apogeu do Império (1850-1870). *História do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Atual, 1996. p. 182-186.

_____. O Segundo Reinado: a afirmação da aristocracia rural (1840-1850). *História do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Atual, 1996. p. 161-166.

_____. Política externa: a Guerra do Paraguai (1865-1870). *História do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Atual, 1996. p. 189-194.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A reforma pelo jornal. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl4.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

_____ Ao acaso (Crônicas da Semana). Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr04.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ Aquarelas. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr15.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ Cartas Fluminenses. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr05.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ Comentários da Semana. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr01.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ Crônicas. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr03.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ História de quinze dias. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr07.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ História dos trinta dias. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr08.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ Notas semanais. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macr09.pdf>> Acesso em: 7 dez.
2008.

_____ O jornal e o livro. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl3.pdf>> Acesso em: 7 dez. 2008.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. 2. ed. revista. São Paulo : UNESP, 2009. 581 p.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

MOSCATELLI, Joana. *Entre a literatura e o jornalismo: a crônica*. UFRJ, Escola de Comunicação, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. História da Crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz. (org.) *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro : José Olympio/CCBB, 1995. p. 17-31.

_____ Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Machado de Assis, obra completa*. Reúne a obra digitalizada de Machado de Assis, bem como listagens de links e outras obras relacionadas, além de dados sobre o escritor. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11300&Itemid=1338&sistemas=1> Acesso em: 8 dez. 2008.

PUBLICAÇÕES sob pseudônimo. In: MACHADO DE ASSIS. Página eletrônica dedicada à vida e à obra do escritor brasileiro, hospedado na página da Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em:
<http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&sid=90> Acesso em: 15 nov. 2009.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis. In: CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. 1. ed. Campinas : Unicamp; Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 419-433.

_____. Rio de Janeiro, cidade da crônica. In: RESENDE, Beatriz. (org.) *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro : José Olympio/CCBB, 1995. p. 35-55.

SÁ, Jorge. Uma definição. *A crônica*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1985. p. 5-10.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Machado de Assis: o jornal na crônica / a crônica no jornal. In: 2º ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO PARA A HISTÓRIA DA MÍDIA, 2004, Florianópolis. *Anais do 2º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, 2004. Disponível em: <http://comunicacao.feevale.br/redealcar/index.php?option=com_remository&Itemid=53&func=fileinfo&id=2247> Acesso em: 7 dez. 2008.

SOARES JUNIOR, Creso da Cruz. *O Brasil do Império à República visto através das crônicas de Machado de Assis*. UFRJ, Escola de Comunicação, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987. 170 p.

TEIXEIRA, Tatiana. *A crônica política no Brasil – um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Verissimo*. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/teixeira-tattiana-cronica-politica-Brasil.pdf> Acesso em: 25 ago. 2009.